**CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVISÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS TRADUZIDOS**

Flávio Henrique Silva Martins Lage[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este artigo discorre sobre a importância da revisão de textos jornalísticos traduzidos. Inicialmente, fez-se referência aos conceitos de revisão de texto, gênero textual, tipo textual e domínio discursivo para delimitar a modalidade de revisão e os gêneros textuais que são objeto deste trabalho. Posteriormente, procedeu-se a um breve comentário acerca dos seguintes pressupostos teóricos: primeiro, textos jornalísticos teriam características específicas que influenciam sua revisão; segundo, existe um método de tradução mais apropriado para traduzir uma notícia; terceiro, haveria a necessidade de os textos traduzidos passarem por um processo de revisão a título de controle de qualidade, o que seria motivado pelo próprio processo de tradução. Com fundamento nessa discussão teórica inicial, efetuou-se uma análise comparativa entre excertos de quatro matérias jornalísticas, escritas originalmente em inglês, e suas traduções para o português. O objetivo foi identificar exemplos de inadequações linguísticas em relação à situação comunicativa e/ou alterações de sentido nos textos traduzidos mediante sua comparação aos textos originais, bem como confirmar ou não os pressupostos teóricos citados. No decorrer da análise, foram encontradas, nos textos traduzidos, alterações de sentido e inadequações linguísticas. A análise demonstrou que, em se tratando de matérias jornalísticas traduzidas, a revisão deve atentar-se à ocorrência de inadequações linguísticas inerentes à tradução, além de levar em conta aspectos específicos dos textos jornalísticos. Em suma, a revisão é uma etapa desejável e necessária à qualidade do texto jornalístico traduzido.

Palavras-chave: Revisão de textos. Texto jornalístico. Tradução. Revisão de tradução. Análise comparativa.

**1 INTRODUÇÃO**

 Este artigo pretende discutir a relevância de textos jornalísticos traduzidos passarem por um processo de revisão antes de serem publicados. Para tanto, inicialmente, foi feita uma breve exposição acerca dos conceitos de revisão de texto, gênero textual, tipo textual e domínio discursivo com o fim de delimitar a modalidade de revisão de texto e os gêneros textuais que serão objeto desta análise.

 Em seguida, com base nos autores citados ao longo deste trabalho, foi possível estabelecer as seguintes premissas: primeiro, os gêneros textuais pertencentes ao domínio discursivo jornalístico teriam características próprias que influenciariam a sua revisão; segundo, existiria um método mais adequado de tradução, dentre os existentes, para as matérias jornalísticas; terceiro, qualquer texto traduzido necessitaria, após a tradução, de um outro olhar, o do revisor, cujo intuito é o aprimoramento textual em termos de clareza, coesão, coerência, e, principalmente, adequação do léxico e da estrutura sintática da língua fonte ao léxico e estrutura sintática da língua alvo.

 Com base nessa discussão teórica, efetuou-se uma análise comparativa entre trechos de quatro matérias jornalísticas redigidas originalmente em inglês e as suas traduções para o português. O objetivo da análise foi identificar exemplos de problemas de tradução que poderiam ter sido solucionados mediante um processo de revisão. Assim, para cada trecho citado, foi elaborado um comentário acerca de sua tradução e, eventualmente, de sua omissão ou resumo.

 Está-se, assim, diante de um objeto de estudo que possui interfaces com a revisão de textos, o jornalismo e a tradução. Pretendeu-se, a partir dessa análise e dos pressupostos teóricos aqui referenciados, estabelecer uma relação entre o campo da revisão de texto e a sua atuação nas áreas jornalística e da tradução.

**2 FUNDAMENTOS DA REVISÃO DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS E DA REVISÃO DE TRADUÇÕES**

**2.1 A revisão de texto como um aperfeiçoamento para textos jornalísticos e para traduções**

 A atividade de revisão de texto, segundo Muniz Júnior (2009), está incluída em uma categoria mais genérica denominada intervenção textual, a qual consiste na ação de um ou mais sujeitos sobre o texto de um outro sujeito. Muniz Júnior (2009) esclarece que a finalidade dessa atuação sobre o texto é prepará-lo para circular socialmente; que o revisor prevê as leituras possíveis e prováveis para o texto e que, a partir delas, propõe novas textualizações para que os efeitos de sentido desejados pelo autor cheguem ao leitor.

 Dessa forma, de acordo com Muniz Júnior (2009), a revisão de matérias jornalísticas, sejam traduzidas ou não, e a de traduções de outros gêneros textuais, seria útil ao aperfeiçoamento do texto, já que tal processo constituiria uma etapa de preparação em que se vai levar em conta a preservação do sentido desejado e a recepção do texto pelo leitor. Além disso, no caso dos gêneros jornalísticos, a revisão também teria o objetivo de adequar os textos à linha editorial do meio de comunicação.

 Muniz Júnior (2009) acrescenta que a intervenção textual está fundamentada em critérios de eficácia materializados em sistemas de normas organizados discursivamente, os quais podem ser explícitos, como os manuais de redação e as gramáticas, ou implícitos, como a formação acadêmica do revisor e as trocas de experiências e saberes.

 É possível inferir, então, que a revisão dos textos jornalísticos e das traduções, quando acontece, provavelmente se vale desses sistemas de normas. Os manuais de redação, especialmente, fornecem diretrizes aos jornalistas, editores e revisores para a revisão, edição e publicação das matérias jornalísticas, traduzidas ou não.

 Quanto ao profissional responsável pela revisão, o revisor, pode-se dizer que se trata de um coenunciador ou de uma outra voz que participa da confecção do texto. Ao descrever aspectos históricos do papel de editores e revisores, Luciana Salazar Salgado (2017) valida esse entendimento: “… a publicação de um texto nunca foi mera reprodução gráfica de um material tal como apresentado por seu autor.” (SALGADO, 2017, p.21). Para a professora,

(...) a circulação dos textos, mesmo quando as cópias eram todas manuscritas, a constituição da autoria de textos produzidos com o fim de circular envolve explícita e oficialmente gestos outros além do autor. Diversos profissionais atuam como coenunciadores, trabalhando para garantir a autoridade do autor na proficiência do texto que lhe confere esse lugar. (SALGADO, 2017, p.21).

 Desse modo, verifica-se que os autores, incluindo-se aí os repórteres e editores dos veículos jornalísticos, não trabalham sozinhos na produção dos seus textos. No caso do jornalismo, as matérias, notas, reportagens, entrevistas, editoriais poderão ser submetidos a outros olhares, como o do profissional de revisão. No que pertine à notícia em língua estrangeira, particularmente, não se pode olvidar a figura do tradutor como um coenunciador. Sem a atuação desse profissional, o sentido do texto provavelmente não seria compreendido pela maioria dos leitores.

 Com fundamento nos autores citados, é cabível afirmar que os textos jornalísticos são passíveis de serem submetidos à atividade profissional de revisão, assim como os de outras áreas, como os literários e jurídicos. Assim, em uma situação ideal de produção textual, em que o ofício do revisor abrangeria a reelaboração e reescritura dos textos, tornando-os mais claros e compreensíveis ao leitor e mais adequados tanto ao contexto em que são produzidos e veiculados quanto a seu propósito comunicativo, o texto jornalístico seria necessariamente revisado, o que funcionaria como um controle de qualidade.

 O mesmo se pode dizer das traduções, uma vez que potencialmente abarcam vários gêneros textuais, como as matérias jornalísticas, os artigos científicos e os romances. Tais gêneros e muitos outros, por sua natureza e necessidade de preparo para circulação social e leitura, em uma situação ideal serão submetidos à intervenção de profissionais diversos, como editores e revisores.

 Todavia, antes de dissertar sobre as particularidades da revisão dos textos jornalísticos, dos textos traduzidos e, especificamente, dos textos jornalísticos traduzidos, é preciso fazer referência a algumas definições básicas. Em primeiro lugar, o que é um texto? Segundo Marcuschi (2002), o texto seria “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em um gênero textual” (MARCUSCHI, 2002, p.24). Quanto aos gêneros textuais, o autor os define como “… textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCUSCHI, 2002, p.22). Portanto, os textos da área jornalística podem ser classificados em gêneros diversos: a entrevista, a notícia, a nota, a reportagem, o livro-reportagem, a notícia de televisão, a notícia de rádio, dentre outros.

 O professor e linguista ensina que existem inúmeros gêneros textuais, os quais se multiplicaram a partir da invenção da escrita e, mais ainda, após o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. Para Marcuschi (2002), os gêneros textuais são mais bem caracterizados por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por seus aspectos linguísticos e estruturais. No entanto, ressalta que não se deve desprezar a forma no gênero textual, a qual, muitas vezes, é o fator que determina o pertencimento do texto a um gênero ou outro. Desse modo, conforme exemplo citado pelo pesquisador, um texto publicado numa revista científica deverá ter um valor distinto para o leitor em comparação com o mesmo texto publicado em um jornal diário. No primeiro caso, esse texto certamente terá mais respaldo perante a comunidade científica — na revista científica, trata-se de um artigo científico — do que se fosse publicado somente em um jornal diário, onde é simplesmente um texto de divulgação científica.

 Marcuschi (2002) apresenta também outros dois importantes conceitos: tipos textuais e domínio discursivo. O primeiro se refere às construções teóricas definidas pela natureza linguística da composição de um texto, as quais abrangem a narração, a exposição, a descrição, a dissertação e a injunção. Já o domínio discursivo diz respeito à esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana como, por exemplo, o discurso religioso, o jornalístico e o jurídico. O professor complementa a definição explicando que o domínio discursivo é constituído de práticas discursivas que vão abarcar uma série de gêneros textuais.

 Então, levando-se em consideração os conceitos ora apresentados, é possível afirmar que este artigo terá como objeto de estudo os gêneros textuais que pertencem ao domínio discursivo do jornalismo. Mais especificamente, vai-se analisar aqui o texto jornalístico obtido a partir da tradução de matérias jornalísticas.

**2.2 Particularidades da revisão de textos jornalísticos**

 Em se tratando da revisão de textos jornalísticos, é pertinente mencionar o artigo de Fábia Angélica Dejavite e Paula Cristina Martins, intitulado “O Revisor de Texto no Jornal Impresso Diário e Seu Papel na Sociedade de Informação”. Inicialmente, Dejavite e Martins (2006) informam que o Decreto nº 83.284/79, o qual regulamenta a profissão do jornalista, estabelece, no seu artigo 2º, inciso VIII, que a atividade jornalística abrange, dentre outras atividades, “a revisão de originais de matéria jornalística, com vistas à correção redacional e à adequação da linguagem” (BRASIL apud DEJAVITE; MARTINS, 2006, p.25).

 No entanto, as autoras chamam a atenção para o fato de que, há mais de duas décadas, o profissional de revisão de textos já não integra o quadro de profissionais da maior parte das redações de jornais diários brasileiros, visto que essas empresas de comunicação teriam optado por economizar recursos com o pagamento de profissionais em detrimento da qualidade do texto, além de considerar que a revisão ortográfica efetuada por computadores seria suficiente para o trabalho de revisão.

 Dejavite e Martins (2006) explicam que o avanço tecnológico das últimas décadas resultou em uma profunda modificação nas redações dos jornais impressos, afetando inclusive as atribuições dos jornalistas os quais, além do típico fazer jornalístico, têm que ser capazes de lidar eficientemente com as novas tecnologias da informação. Ao mesmo tempo, o revisor teria sido eliminado das redações em razão desse mesmo avanço tecnológico.

 Contudo, as pesquisadoras afirmam que o leitor deseja matérias bem escritas e que a pressão para que o trabalho jornalístico seja feito com urgência e rapidez ocasionou uma piora da qualidade do texto. Ponderam igualmente que os computadores não suprem a falta de conhecimento linguístico aprofundado por parte dos profissionais. Defendem que investir na capacitação do profissional seria mais interessante para os veículos de mídia e que

(...) na atual sociedade, em que as pessoas se tornam ávidas por informações, o produto que as oferecer de maneira mais clara, detalhada, correta, será mais respeitado e consumido. Daí a importância de haver, nas empresas jornalísticas, pessoas responsáveis pelo bom acabamento das matérias: revisores (DEJAVITE; MARTINS, 2006, p.25)

 Observam ainda que o repórter, pressionado pelo tempo exíguo, e muitas vezes não qualificado para o exercício da revisão, não poderia ter também esse encargo. Dessa forma, há uma justificativa em favor do trabalho de revisão do texto jornalístico, que é a necessidade de clareza, correção e qualidade. Há ainda uma outra razão bastante plausível — o requisito de um conhecimento linguístico aprofundado e a necessidade de um tempo maior dedicado a essa atividade — para que esse ofício seja feito por um profissional especializado: o revisor de textos.

 O artigo de Dejavite e Martins (2006) também pontua que escrever corretamente não é apenas desejável, mas uma questão ética. Citam as autoras o artigo 17 do Código de Ética do Jornalista, segundo o qual “o jornalista deve preservar a língua e a cultura nacionais” (CÓDIGO DE ÉTICA DO JORNALISTA DE 1987 apud DEJAVITE; MARTINS, 2006, p.25). A norma é mais um argumento a favor da presença do revisor nas redações. Além disso, segundo informam as autoras, o revisor era visto, até os anos 80, como cargo importante nas redações brasileiras, onde era responsável não apenas pela correção gramatical, como também pela adequação do texto ao estilo do jornal e ao enfoque desejado para a matéria.

 Por fim, Dejavite e Martins (2006) mencionam que, antes da ausência do revisor nos jornais, o número de erros observados era menor do que hoje em dia. Ressaltam que existem, atualmente, profissionais que supervisionam a qualidade das matérias após a publicação, como o *Ombudsman* da Folha de São Paulo. Entretanto, defendem a presença do revisor nas redações para que os textos tenham mais qualidade. Elas contra-argumentam, em relação à posição das empresas jornalísticas de que a revisão levava muito tempo para ser feita (usada para motivar demissões), que a tecnologia poderia tornar mais veloz o processo de revisão.

 Sueli Maria Coelho e Leandra Batista Antunes (2010), ao analisarem um exemplo de revisão de texto jornalístico, esclarecem que o gênero textual é importante para estabelecer o que o leitor pode esperar desse texto. No caso do texto jornalístico, a finalidade principal seria a divulgação de fatos. Então, é preciso que o texto tenha um conteúdo temático relacionado ao que se quer divulgar. As autoras explicam que o texto jornalístico pode apresentar um título e um lide (apresentação de aspectos importantes relacionados ao fato divulgado, geralmente materializada na resposta às questões Quem? O que? Por quê? Quando? Onde? Para que?) e que deve ser escrito de acordo com a norma culta da língua, com a especificidade de estar dirigido à comunicação pública. Ademais, deveria predominar nessa modalidade de texto, conforme as autoras, o tipo textual da narração, ainda que nele possa haver segmentos com outras sequências textuais como a exposição e a descrição.

 Deve o revisor do texto jornalístico, pois, para além de trabalhar questões ligadas à correção gramatical, à adequação linguística, à coesão e à coerência, prestar atenção à adequação do texto ao gênero jornalístico, o que também inclui aspectos gráficos como cor, uso de imagens e tamanho do título, por exemplo.

 Logo, de acordo com Coelho e Antunes (2010), a revisão de notícias, notas ou reportagens, dentre outros gêneros jornalísticos, apresenta particularidades. Em outras palavras, pode-se inferir que a revisão de textos poderá ter um caráter ou método específico para cada gênero textual, devendo levar em consideração aspectos como o suporte, o propósito comunicativo, a linguagem, o estilo, o contexto de produção e de recepção, dentre outros.

**2.3 Especificidade da revisão de um texto jornalístico traduzido**

 As traduções de textos jornalísticos, que, evidentemente, também são textos jornalísticos, devem ser submetidas a um processo de revisão, segundo os autores citados no item anterior. Porém, o fato de se tratar de traduções vai demandar mais desse trabalho de revisão.

 De acordo com Newmark (1988), o processo da tradução apresenta um dilema central: deve-se traduzir livremente ou de forma literal? A tradução livre focaliza o sentido, o espírito, a mensagem, ao passo que a literal busca reproduzir a linguagem original com a reprodução de cada palavra.

 Para o autor inglês, desde o século XIX tomou força a concepção de que a tradução deveria ser a mais literal possível. Ele descreve mais de um método de tradução, tais como a adaptação e as traduções palavra por palavra, literal, fiel, semântica, livre, idiomática e comunicativa.

 O professor Peter Newmark (1988) ensina que a tradução fiel tenta reproduzir o significado contextual do original escrito na língua fonte, de forma precisa, dentro dos limites das estruturas gramaticais da língua alvo. Esse tipo de tradução “transfere” palavras próprias da cultura da língua fonte e preserva o grau de “anormalidade” gramatical e lexical (caso o texto contenha desvios às normas da língua fonte) na tradução. Tenta ser completamente fiel às intenções e ao texto do escritor da língua fonte.

 Já a tradução semântica, de acordo com o autor, difere da tradução fiel unicamente pelo fato de que precisa levar em conta o valor estético, isto é, a beleza e os sons naturais do texto da língua fonte, fazendo concessões ao significado onde for apropriado, de modo que nenhuma assonância, jogo de palavras ou redundância soem desagradáveis. Esse método procura por nuances de significado, mas objetiva a concisão para reproduzir o mesmo impacto pragmático e efeito que o texto original produz no leitor da língua fonte.

 A tradução comunicativa, por seu turno, segundo Newmark (1988), procura transmitir o significado contextual do original escrito na língua fonte, de forma precisa, mas de uma maneira tal que tanto o conteúdo quanto a linguagem sejam prontamente aceitáveis e compreensíveis aos leitores. Tem foco no texto alvo, isto é, pretende assegurar que o leitor compreenda aquele texto. Tende a ser mais clara e direta.

 Geralmente, a tradução semântica é escrita no nível linguístico do autor, ao passo que a comunicativa o é no nível linguístico do leitor. A tradução semântica visa a reproduzir o processo de pensamento do autor e a expressividade do seu texto, ao passo que a tradução comunicativa, esclarece Newmark (1988), ao contrário, objetiva tornar o texto o mais claro e compreensível ao leitor.

Na tradução semântica, enuncia Newmark (1988), os componentes expressivos (estruturas sintáticas não usuais, metáforas, neologismos, dentre outros) são traduzidos com proximidade, se não literalmente. Na tradução comunicativa, esses mesmos componentes expressivos serão adequados à norma linguística ou apagados, diminuídos em sua intensidade expressiva. Mesmo mal escritos ou escritos de forma imprecisa, trechos expressivos têm que ser traduzidos com exatidão na tradução semântica. Na comunicativa, contudo, essas mesmas passagens, escritas de forma imprecisa ou incorreta, devem ser corrigidas.

Para o professor, somente as traduções semântica e comunicativa atingem os dois principais objetivos da tradução: exatidão e economia. A tradução semântica tende a ser mais econômica do que a comunicativa. Portanto, a primeira seria mais adequada para textos expressivos, como os literários. Por outro lado, a tradução comunicativa seria apropriada aos textos informativos como os jornalísticos.

 Brian Mossop (2001) escreveu uma obra destinada a tradutores profissionais e a estudantes de tradução que desejam aperfeiçoar as suas habilidades de autorrevisão ou que pretendem aprender a revisar outros autores e tradutores: “Editing and Revising for Translators” (Edição e Revisão para Tradutores, tradução nossa). Para Mossop (2001), a revisão da tradução significa encontrar problemas no texto traduzido e então corrigi-lo ou aperfeiçoá-lo para tornar o texto adequado à leitura e ao uso. Explica que o revisor vai procurar erros de tradução e proceder a uma checagem dos aspectos linguísticos e de estilo.

 O autor ressalta o fato de que a redação do texto original frequentemente influencia o texto traduzido de forma indevida. Os falantes nativos de uma língua, afirma Mossop (2001), geralmente não produzem uma linguagem que não faça parte de seu idioma quando não estão traduzindo. Porém, podem fazê-lo quando traduzem. Por isso, observa que “… a revisão é um aspecto da profissão do tradutor, que se desenvolveu separadamente da profissão do editor.” (MOSSOP, 2001, p.iii).

 Por conseguinte, um risco típico do processo de tradução — a possibilidade de uma reescrita inapropriada na língua-alvo devido à influência da língua-fonte —potencialmente provocaria uma ocorrência mais significativa de erros e/ou inadequações de *per si*, o que justifica uma maior necessidade do trabalho de intervenção textual na notícia traduzida quando em comparação com a notícia publicada no idioma original em que foi redigida.

 Um outro aspecto abordado por Mossop (2001) em relação ao trabalho da revisão da tradução é o conflito entre tempo e qualidade, também apontado por Dejavite e Martins (2006) quando estas tratam da revisão no jornalismo. Mossop observa que o trabalho de tradução e de revisão de tradução, se for de qualidade, levará um certo tempo para ser executado. Argumenta que a aquisição da precisão consome um tempo significativo, tanto do tradutor quanto do revisor da tradução. O pesquisador constata que, embora a tecnologia possa ajudar a minimizar esse tempo gasto, há um conflito entre a demanda pela qualidade e a demanda econômica pela velocidade.

 Mossop (2001) descreve a existência da autorrevisão no processo de tradução. É um processo de checagem do rascunho da tradução pelo próprio tradutor. Esse processo é parte essencial do trabalho de traduzir, de forma que se considera antiprofissional não realizar tal checagem. Faz Mossop (2001), porém, uma ressalva: menos erros são detectados na autorrevisão do que na revisão efetuada por outras pessoas, geralmente tradutores mais experientes.

 Existem outras questões que podem ser levantadas quando se está numa posição de revisor de tradução e também de editor, conforme enuncia Mossop (2001): todas as partes do texto são do interesse do leitor? É necessário eliminar parágrafos ou modificar a fonte e seu tamanho para que o texto se enquadre no espaço disponível para publicação? É necessário eliminar redundâncias para essa finalidade? O texto traduzido é interessante? Ele esclarece que uma tradução pode ser exata, idiomática e autêntica, porém enfadonha. Chama a atenção para a adequação do texto traduzido ao gênero, pois um texto pode estar adequado ao gênero a que pertence na língua-fonte e não o estar na língua-alvo devido a aspectos culturais ou de estilo, por exemplo.

 Diante dos conceitos apresentados até aqui, considera-se que o texto noticioso traduzido tem mais necessidade de ser revisto, e eventualmente reescrito, do que o texto jornalístico que será publicado em sua língua original, porquanto a tradução, por si só, já pode acarretar inadequações quando se passa do texto fonte para o texto alvo, além das questões que são objeto de avaliação dos gêneros jornalísticos em geral.

 Vejamos a seguir alguns trechos de textos jornalísticos traduzidos comparados ao texto original e que poderiam ter sido objeto de revisão para que houvesse uma melhoria em sua qualidade. Serão transcritos os trechos na língua original e as traduções correspondentes, tais como foram publicados. Em seguida, far-se-á um comentário a respeito de possíveis inadequações dessas traduções.

 Esta breve análise foi feita a partir de quatro matérias jornalísticas: os textos “Política migratória do governo Trump desafia a burocracia”, “Com aulas de selfies, escolas lucram com solteirão chinês”, “A desconfortável culpa branca de George Clooney em Suburbicon”, os três publicados, na sua versão original, no site do jornal The New York Times e, na versão traduzida, no site do jornal Folha de São Paulo, e a matéria “Abusos e mortes põem em xeque rituais de iniciação em clubes exclusivos de universidades nos EUA”, publicada, na versão original, no site da BBC, e, na versão traduzida, no site da BBC Brasil.

**2.4 Análise de excertos de matérias jornalísticas traduzidas do inglês**

**Quadro 1 –texto “Política migratória do governo Trump desafia a burocracia”**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Original | Traduzido | Comentário |
| Trump’s WayStoking Fears,Trump defiedbureaucracy toadvance immigration agenda | Política migratória doGoverno Trump desafia a burocracia | No título da matéria, houve uma alteração de sentido. Uma tradução mais próxima do original poderia ser “O modo Trump. Aumentando temores, Trump desafia a burocracia para fazer avançar a agenda de imigração.” Porém, o tradutor optou por eliminar a primeira parte do título e a expressão que corresponderia a “to advance immigration agenda”. |
| (…) WASHINGTON — Late to his ownmeeting and waving a sheet of numbers, President Trumpstormed into theOval Office one day in June, plainly enraged. | (...) Atrasado para a reunião que ele próprio convocara e agitando uma folha coberta de números, o presidente dos EUA, Donald Trump, entrou no Salão Oval um dia em junho, enfurecido. | Neste trecho, o tradutor optou por retirar a palavra “Washington”, que designa a cidade onde os fatos estavam ocorrendo. Ele também omitiu a tradução do advérbio “plainly” (obviamente, claramente), o que alterou o sentido, embora não tenha havido aí, aparentemente, nenhum prejuízo para a informação. Além disso, o tradutor optou por explicar que Donald Trump é o presidente dos Estados Unidos, o que não foi feito no original em que, simplesmente, é anteposto o substantivo “President” antes do nome “Trump”, o que faz sentido por se tratar de um jornal americano. |
| But so many foreigners had flooded into the country since January, he vented to his national security team, that it was making a mockery of his pledge. Friends were calling to say he looked like a fool, Mr. Trump said. | Mas tantos estrangeiros haviam entrado desde janeiro, disse Trump à sua equipe, furioso, que a promessa estava sendo ridicularizada. | Neste trecho, o tradutor optou por traduzir o verbo “had flooded” por “haviam entrado”. No entanto, “to flood” significa “to [become](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/become) [covered](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/cover) with [water](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/water)” ou, em português, inundar(-se), transbordar e“to [fill](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/fill) or [enter](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/enter) a [place](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/place) in [large](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/large) [numbers](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/number) or [amounts](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/amount)” ou , em português, chegar em grande número, inundar. Assim, o tradutor optou por uma tradução que diminuiu o sentido de exagero e intensidade dado pelo verbo “to flood”, traduzindo-o por “entrar”.Além disso,a expressão “he vented” foi traduzida por “disse”, quando, na realidade, o verbo “to vent” significa “to [express](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/express) a [negative](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/negative) [emotion](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/emotion) in a [forceful](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/forceful) and often [unfair](https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/unfair) way”, ou, em português, “descarregar”. No lugar do verbo, o tradutor optou por acrescentar o adjetivo “furioso”. Dessa forma procurou-se fazer uma equivalência entre “to vent” e dizer com raiva ou fúria.Uma última observação sobre esse trecho é que a última frase não foi traduzida para o português, talvez por questões de espaço ou por se entender que essa oração não teria relevância. |
| As the meeting continued, John F. Kelly, then the secretary of homeland security, and Rex W. Tillerson, the secretary of state, tried to interject, explaining that many were short-term travelers making one-time visits. But as the president continued, Mr. Kelly and Mr. Miller turned their ire on Mr. Tillerson, blaming him for the influx of foreigners and prompting the secretary of state to throw up his arms in frustration. If he was so bad at his job, maybe he should stop issuing visas altogether, Mr. Tillerson fired back. | (...)Mas, quando o presidente continuou furioso, Kelly e Miller se voltaram contra Tillerson, culpando-o pelo fluxo de estrangeiros. | A parte do texto que começa em “As the meeting continued” até “one-time visits” não foi traduzida para o português. O mesmo ocorreu com o trecho compreendido entre “... and prompting the secretary… até “...fired back.”Além disso, embora o trecho “But as the president continued...”, tenha sido traduzido como “Mas, quando o presidente continuou furioso...”, parece que a tradução mais adequada seria “Mas, como o presidente continuou furioso...”. Causa estranhamento aqui a tradução de “as” por “quando”. |
| (…) The announcement of the travel ban on a Friday night, seven days after Mr. Trump’s inauguration, created [chaotic scenes at the nation’s largest airports](https://www.nytimes.com/2017/01/29/us/politics/white-house-official-in-reversal-says-green-card-holders-wont-be-barred.html), as hundreds of people were stopped, and set off widespread confusion and loud protests. | (...) O anúncio do decreto numa noite de sexta-feira, sete dias após a posse de Trump, gerou cenas de caos nos maiores aeroportos, quando centenas de pessoas foram barradas, e desencadeou confusão generalizada e protestos. | Neste trecho, a tradução da expressão “travel ban”, que significa “proibição de viagem” foi traduzida por decreto. De fato, essa proibição se deu por meio de um decreto, porém o texto original expressa o conteúdo desse decreto: “travel ban” ou probição de viagem. A tradução optou por citar o meio legal pelo qual essa proibição foi efetuada.A expressão “the nation’s” e o adjetivo “loud”, em loud protests, foram omitidos na tradução. De fato, “loud protests”, se literalmente traduzido como “protestos altos” ou ‘protestos sonoros” , não soa natural em português. Entretanto, o tradutor poderia ter-se valido de outras estratégias, tais como explicar que o protesto era barulhento, por exemplo. |

**Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites** [**www.nytimes.com**](http://www.nytimes.com/) **e** [**www.folha.com.br**](http://www.folha.com.br/)

**Quadro 2 – Comentário sobre a tradução de trechos da matéria jornalística “Abusos e mortes põem em xeque rituais de iniciação em clubes exclusivos de universidades dos EUA”**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Original | Traduzido | Comentários |
| The deadly problem with US college fraternitiesBy Kelly-Leigh Cooper BBC News17 November 2017(…)There have been [70 student deaths attributed to hazing since 2000](http://www.hanknuwer.com/hazing-deaths/). This does not include cases dismissed as accidents. | Abusos e mortes põem em xeque rituais de iniciação em clubes exclusivos de universidades nos EUAKelly-Leigh Cooper da BBC News19 novembro 2017(…)No total, foram registradas 70 mortes de estudantes relacionadas com trotes desde 2000, um número que não inclui as que foram consideradas acidentes. | O título da tradução em português não correspondeu ao título original, porém é mais abrangente, pois dá mais informações sobre o conteúdo que será abordado pela matéria.No original, não há nenhuma expressão equivalente a “No total”. Talvez o tradutor tenha incluído essa expressão para tornar o texto mais claro.  |
| An American traditionToday's fraternities and their like have origins in the 1820s. They have become a uniquely American tradition on campuses across the country. A loose confederacy of groups, sororities and fraternities may have dozens of chapters nationally at different institutions. | Tradição americanaAs fraternidades de hoje tiveram origem na década de 1820 e se tornaram uma tradição exclusivamente dos campi universitários americanos. | Neste trecho a expressão “their like” foi retirada do texto traduzido. A oração “They have become a uniquely American tradition on campuses accross the country” foi traduzida como “... e se tornaram uma tradição exclusivamente dos campi universitários americanos”. Porém, em português, o advérbio não determina um substantivo como acontece na oração citada; os advérbios determinam verbos ou adjetivos. Dessa forma, uma tradução mais adequada poderia ser ‘… e se tornaram uma tradição exclusiva dos *campi* universitários americanos”. Além disso, faltou grafar a palavra “campi” com itálico, visto se tratar de palavra latina tomada emprestada do inglês pelo português. Por último, a oração compreendida entre “a loose confederacy” e “different institutions” não apareceu na tradução para o português. |
| (…)The selection process for "rushing" applicants can sometimes last months, and provisional members do not know if they will be made a full member. | (...)O processo de seleção chega a durar meses em alguns casos, e os eleitos entram em caráter provisório, sem saber ainda se já são membros em pleno direito. | Aqui a tradução para o português desconsiderou a expressão “ ‘rushing’ applicants”, que significa futuros candidatos que passam por uma série de etapas antes de serem aceitos. Em relação ao trecho, “ … and provisional members do not know if they will be made a full member.”, a tradução foi “ e os eleitos entram em caráter provisório, sem saber ainda se já são membros em pleno direito.” Na realidade, uma tradução mais fiel poderia ser “ e os membros provisórios não sabem se vão se tornar membros de pleno direito”. A expressão “em pleno direito” causa estranhamento. |
| (…)Since the deaths of 20-year-olds Andrew Coffey and Matthew Ellis, Greek life has been suspended at their Florida and Texas State universities. In Florida, this comes in the form of an "indefinite ban" - their president is demanding a "new normal" before activities can return. | (...)Desde a morte de Andrew Coffey e Matthew Ellis, de 20 anos, no início de novembro, as universidades estaduais da Flórida e do Texas suspenderam as festas em fraternidades.Na Flórida foi estabelecida uma "proibição indefinida" - o reitor quer que se estabeleça um "novo normal" antes que as atividades possam voltar a ser realizadas. | No trecho original “Since the deaths of 20-year-olds Andrew Coffey and Matthew Eliss...”, está claro que ambos, Andrew e Matthew, tinham 20 anos quando morreram por causa da marca do plural em “20-year-olds”. Porém, a tradução para o português “Andrew Coffey e Matthew Ellis, de 20 anos, no início de dezembro...” não deixou claro que ambos tinham 20 anos, tendo-o feito somente para o segundo rapaz. Seria mais adequado se a tradução fosse feita de forma semelhante a “Andrew Coffey e Matthew Ellis, ambos de 20 anos, ...”Após, a expressão “... their president is demanding a ‘new normal’ before activities can return”, temos uma tradução que não levou em conta que “new normal” é uma expressão idiomática inglesa que não tem um equivalente em português. Significa “a previously unusual occurrence that has become common place”, ou, em português, “ uma ocorrência que era incomum previamente e que se tornou algo comum”. Desse modo, traduzir “new normal” como “novo normal” não parece adequado; causa um estranhamento. Seria mais apropriado traduzir a oração “...their president is demanding a ‘a new normal’ before activities can return” por “..o reitor quer que se estabeleça uma nova maneira de lidar com as festas das fraternidades antes que as atividades possam ser reiniciadas”. |
| (…)Speaking at Monday's press conference where new charges were announced, his father Jim said: "Tim was a happy and caring human being and a wonderful son who just wanted to join an organisation to find friendships and camaraderie. | (...)"Tim era um ser humano feliz e carinhoso e um filho maravilhoso, que só queria entrar num grupo para fazer amizades. Em vez disso, morreu nas mãos daqueles cuja amizade ele buscava", disse Jim, pai de Tim Piazza, à imprensa na segunda-feira, após o anúncio das novidades sobre a morte do estudante. | Neste trecho, a inversão entre a citação da fala de Jim e a descrição de quando e como se deu essa fala não trouxe nenhum problema à compreensão do texto e se mostra apropriada. Entretanto, a tradução da palavra “charges” por “novidades” não está adequada porque “charge” significa “acusação” nesse contexto. Além disso, em “Tim was a happy and caring human being and a wonderful son who just wanted to join an organisation to find friendships and camaraderie”, a tradução alterou levemente o sentido. Ao invés de escrever “... entrar numa organização para encontrar amizades e camaradagem”, escreveu “... entrar num grupo para fazer amizades”, o que não trai o sentido exatamente, mas despreza uma parte do texto. É que as fraternidades não são um grupo qualquer de pessoas; têm um caráter de instituição. |

**Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de www.bbc.com**

**Quadro 3 – Comentário sobre a tradução de trechos da matéria jornalística “Com aula de selfies, escolas lucram com solteirão chinês”**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Original | Traduzido | Comentário |
| In China, an Education in Dating(…)“There are many people who lack the ability to have a relationship,” said Mr. Zhang, who enrolled in a three-day course during a weeklong holiday in October. “Many times, it’s not that there’s something wrong with us. It’s that we don’t know what details to pay attention to.” | Com aula de selfies, escolas lucram com solteirão chinês(...)"Há muitas pessoas sem capacidade para obter um relacionamento", disse Zhang, que fez um cursinho de três dias. "Muitas vezes não é porque há algum problema conosco, mas é que não prestamos atenção nos detalhes." | Houve mudança de sentido na tradução do título, que soa mais sério no original e dá a ideia de “educação para paquera” que o título em português não deu.Neste trecho, há uma inconsistência na tradução da oração “It’s that we don’t know what details to pay attention to”. Ela foi traduzida como “... mas é que não prestamos atenção nos detalhes”. Porém, uma tradução mais precisa seria “É que nós não sabemos em quais detalhes prestar atenção.” Existe, sim, uma diferença de sentido aqui. |
| (…)The makeovers are followed by the students posing for photos — reading Stephen Hawking’s “A Brief History of Time,” sipping tea and nibbling canapés presented in a silver bird cage, looking pensively out a window. That culminated in selfies with Wang Zhen, a female friend of Mr. Cui’s.That’s designed for dating in the digital era. In China, where [the mobile internet has revolutionized social life](https://www.nytimes.com/2016/08/03/technology/china-mobile-tech-innovation-silicon-valley.html), getting to know a person takes place almost exclusively on WeChat, a popular social media tool that is used by nearly 1 billion people.Most social interactions in China usually start or end with people scanning each other’s WeChat QR codes — a practice known as saoing — or adding each other’s WeChat IDs. Many women form their impressions of men based on photographs on WeChat’s “Moments,” a Facebook-like tool.” | (...)O passo seguinte das aulas é posar para fotos – por exemplo, lendo "Uma Breve História do Tempo", de Stephen Hawking–, culminando com dicas sobre selfies.Isso é fundamental porque conhecer pessoas hoje na China acontece quase que exclusivamente pela rede social WeChat. A maioria das interações sociais no país começa com um escaneando o código QR do outro no WeChat. | Aqui o parágrafo foi muito alterado. A palavra “makeovers” (que significa mudanças no intuito de tornar alguém mais atraente) foi ignorada; os exemplos posteriores à pose para foto relacionada à leitura de “Uma Breve História do Tempo” também foram ignorados. Ao final, foi escrito “That culminated in selfies with Wang Zen, a female friend of Mr. Cui’s”, ou seja, “Isso culminou em selfies com Wang Zen, uma amiga do Sr. Cui.” Porém, a tradução usada foi ‘...culminando com dicas sobre selfies”.Este trecho foi não somente traduzido, mas bastante resumido. Não houve perda do sentido geral dos dois parágrafos, mas houve perda dos detalhes. Talvez essa escolha tenha sido feita por motivos editoriais. |

**Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites** [**www.nytimes.com**](http://www.nytimes.com/) **e** [**www.folha.com.br**](http://www.folha.com.br/)

**Quadro 4 – Comentário sobre a tradução de trechos da matéria jornalística “A desconfortável culpa branca de George Clooney em ‘Suburbicon“**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Original | Traduzido | Comentários |
| George Clooney’s Awkward White Guilt in ‘Suburbicon’Spare a thought for “Suburbicon,” as it swiftly vanishes from America’s megaplexes. This is George Clooney’s movie about — well, I’m not sure. It’s supposed to be the sort of movie that doesn’t get made much anymore: starry, not that expensive, “middlebrow.” It’s also supposed to be the sort of movie that you’re unsurprised they still make, but that I, at least, always am: principled, radioactively principled. | AnáliseA desconfortável culpa branca de George Clooney em 'Suburbicon'WESLEY MORRISDO 'NEW YORK TIMES'27/12/2017 02h00Reserve espaço em seus pensamentos para "Suburbicon".É um filme de George Clooney sobre... bem, não sei ao certo. A ideia era que fosse um daqueles que não são mais feitos: repleto de estrelas, não muito caro, intelectualizado mas não demais.Não deveria surpreender que esse tipo de filme continue a ser feito, mas eu, pelo menos, sempre me surpreendo: é um filme de princípios, radiativamente repleto de princípios. | Não parece haver problemas neste trecho. Há, porém, a eliminação de algumas palavras como “as it swiftly vanishes from America’s megaplexes”. Além disso, a palavra “middlebrow” significa “de boa qualidade, mas de fácil entendimento” e essa ideia não parece ter sido transmitida pela expressão ‘intelectualizado, mas não demais’. |
| (…) The movie is set in a 1950s Pennsylvania enclave, and asks a couple, played by Matt Damon and Julianne Moore, to ignore the scores of white people rioting outside the home of a black family whose backyard ends where theirs begins. (To be fair, I guess, the rioting is happening out in front.) | (…) O filme se passa nos anos 50, em um enclave da Pensilvânia, e o casal interpretado por Matt Damon e Julianne Moore tenta ignorar as dezenas de brancos que estão causando arruaça na casa de uma família negra cujo quintal é adjacente ao deles. (É justo esclarecer que a arruaça acontece na frente da casa e não nos fundos.) | O trecho “…whose backyard ends where theirs begins” foi traduzido por “cujo quintal é adjacente ao deles.” Mas a tradução mais próxima do que diz o original parece ser “cujo quintal acaba onde o deles começa”. Embora não tenha havido mudança de sentido, ignora-se qual seria a razão para a mudança. |
| (…)Mr. Damon plays Gardner Lodge, one of those in-over-his-head milquetoasts — thick in the waist, horn-rimmed glasses, starch everywhere — that not even the actor has figured out. | (…) Damon interpreta Gardner Lodge, um daqueles sujeitos brandos e comuns - gordinho, com óculos de armações escuras, engomado em toda parte —que se veem envolvidos em situações que excedem de longe os seus recursos, e o ator não parece ter compreendido que o personagem deve representar. | Aqui houve uma explicação a respeito do significado das orações originais, de modo que o texto traduzido ficou mais longo do que o original. |
| Meanwhile, Mr. Mayers barely gets a line. But he mows a mean lawn. Their kid spends the movie playing with Nicky, who’s mandated to do it by his aunt. The mandate extends to Mr. Clooney, whose sense of social progressivism hits a ceiling. | Já o Sr. Mayers praticamente não tem diálogos. Mas ele é ótimo no cortador de grama. Os filhos do casal passam o filme brincando com Nicky, que é ordenado por sua tia a fazê-lo — uma ordem que também parece se aplicar a Clooney. | A oração “ Their kid spends the movie playing…” se refere a uma criança que passa o filme brincando e não a mais de uma criança, já que “kid” está no singular e “spends” possui a desinência da 3ª pessoa do singular em inglês. Assim, houve um erro na tradução “Os filhos do casal passam o filme brincando...”.Em “ The mandate extends to Mr. Clooney…”, a tradução foi “...— uma ordem que também parece se aplicar ao Clooney.” No entanto, ao invés do verbo “parecer”, a tradução poderia ter optado por “estende-se a” ou ‘alcança”, o que seria mais fiel ao sentido do original. Aqui também se observa a omissão da tradução da oração “... whose sense of social progressivism hits a ceiling. |
| The way the Mayers family functions isn’t all that different from how Dianne Reeves’s jazz singing and the footage of the actual Annie Lee Moss’s testimony are deployed in Mr. Clooney’s 2005 docudrama, “Good Night, and Good Luck.” | A forma pela qual a família Mayers é retratada não é muito diferente da participação de Dianne Reeves, cantando jazz, e do uso do depoimento real de Annie Lee Moss em "Boa Noite e Boa Sorte", docudrama que Clooney dirigiu em 2005. | Aqui o verbo “functions” significa “funciona, opera”, mas foi traduzido como “ser retratado”. “Footage”, que quer dizer “cena” ou “parte de um filme”, foi traduzido como “uso”. Dessa maneira, houve alteração de sentido neste trecho.Não se procurou explicar o significado da palavra “docudrama”, a nosso ver pouco utilizada em português. Significa “a fictionalized drama, esp. a television film, based primarily on actual events”, isto é, um drama ficcional, especialmente uma obra para televisão, baseado principalmente em eventos reais. |

**Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites** [**www.nytimes.com**](http://www.nytimes.com/) **e** [**www.folha.com.br**](http://www.folha.com.br/)

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 O mundo de hoje, com o advento da globalização e o pronunciado avanço tecnológico nas áreas da comunicação e da informática, está conectado pela rede mundial de computadores e por mídias de alcance internacional, como canais de televisão a cabo, rádios, sites de notícias, publicações impressas. Esses veículos difundem a informação de forma instantânea ou em tempo reduzido, em vários idiomas, para praticamente todos os países.

 No entanto, desse mundo globalizado não desapareceram as barreiras linguísticas e as diferenças culturais. Daí a importância de os textos serem traduzidos para línguas distintas daquelas em foram originalmente redigidos, o que possibilita a difusão a leitores que falam outras línguas e que pertencem a culturas diversas.

A tradução das notícias, reportagens, entrevistas, dentre outros gêneros jornalísticos, deve explorar não somente a materialidade textual, mas também o contexto cultural em que esses textos foram produzidos e a sua intenção comunicativa, de modo a conseguir transmitir as informações com o máximo de exatidão.

 Como o processo de tradução, em virtude da possibilidade de a língua fonte influenciar negativamente a estruturação do texto na língua alvo, abrange a etapa da autorrevisão e, idealmente, deve incluir também a revisão final, nos termos da obra de Mossip (2001), é importante que essas fases estejam presentes na tradução jornalística para diminuir ou eliminar a ocorrência de inadequações decorrentes do processo de tradução. Ademais, a revisão da tradução consistirá em segunda checagem das palavras ou orações utilizadas para expressar aspectos culturais e linguísticos cujo equivalente na língua alvo não pôde ser encontrado pelo tradutor. Tais trechos poderão necessitar de ajustes ou explicações fora do texto (como as notas de rodapé ou parênteses) para garantir a compreensão do leitor.

Como os textos jornalísticos em regra têm uma linguagem direta e uma construção linguística em que prevalecem os tipos textuais narrativo e expositivo, pode-se afirmar que, de fato, segundo ensina Newmark (1988), o método comunicativo de tradução é o mais adequado para a tradução de textos desse gênero. Vale dizer, a tradução dos textos jornalísticos precisa ser fiel às palavras e ao sentido sempre com vistas a proporcionar a plena compreensão do leitor.

No contexto das traduções das matérias jornalísticas, atividade que cresceu exponencialmente com o surgimento do jornalismo on-line e das agências de notícia internacionais, se faz necessário um trabalho de revisão duplo: a revisão dos aspectos atinentes à tradução e a revisão dos aspectos relativos ao texto jornalístico.

Em se tratando de textos jornalísticos originais ou traduzidos, conforme defenderam Dejavite e Martins (2006), o trabalho da revisão diminuiria o aparecimento de erros ou inadequações, requerendo, para tal resultado, que o profissional detenha um conhecimento linguístico aprofundado. A atividade de revisão vai permitir que outros olhares, que não os dos autores, possam intervir no texto de modo a prepará-lo para a sua circulação pública. No caso da matéria jornalística, Dejavite e Martins (2006) comentaram os aspectos positivos de um trabalho de revisão na busca pela qualidade: as matérias devem ser claras, corretamente escritas, devendo-se preservar a língua e a cultura nacionais.

A revisão do texto jornalístico (que muitas vezes se confunde com a edição) também englobará aspectos específicos desse gênero: a presença do lide, o enfoque da notícia, o título, os aspectos gráficos, a necessidade de uma linguagem concisa e direta e conforme a norma culta da língua, a coerência, a coesão, a correção gramatical, a adequação do texto ao manual de redação do veículo e às suas normas editoriais, a relevância da informação, o número de caracteres permitido para aquele texto em um determinado suporte.

 Diante do exposto, haveria, portanto, uma intercessão entre os campos do jornalismo, da tradução e da revisão de textos, de forma que esta se constituiria em uma etapa final do processo de produção de notícias e de traduções, o que restou demonstrado pelos exemplos analisados neste trabalho.

 A análise comparativa realizada neste artigo mostrou que os trechos selecionados como exemplo de fato continham inadequações decorrentes da tradução. As análises comprovaram o que defendem Mossop (2001) e Dejavite e Martins (2006), ou seja, de que a atuação do revisor de textos no campo jornalístico e no campo da tradução auxiliaria no aperfeiçoamento da qualidade do texto. Através dessa etapa de checagem — a revisão — eventuais inadequações decorrentes do processo de tradução podem ser detectadas e corrigidas antes da publicação. Ademais, a revisão também será útil na identificação e correção de outros problemas de linguagem que não dizem respeito à tradução.

A partir de nossa análise, constatou-se a ocorrência de alterações de sentido e de omissões de palavras relevantes nos textos selecionados, o que mostra que nem sempre as traduções foram fiéis ao texto fonte. Por outro lado, em alguns trechos, a tradução procurou explicar determinadas palavras e contextos a fim de garantir o entendimento pleno do leitor. Essa observação foi comprovada em vários exemplos, como os que serão retomados a seguir.

 Em resumo, a elaboração do texto jornalístico traduzido pode e deve ser construída, em um contexto ideal, não apenas pelo profissional de imprensa encarregado de apurar os fatos e de redigir a notícia, mas também por outros profissionais, como o tradutor e o revisor, os quais vão se valer de estratégias específicas para os gêneros textuais com que trabalham com vistas a preparar esses textos para a circulação do modo mais adequado possível. No que pertine à tradução, mesmo existindo o dever da autorrevisão, como bem descreveu Mossip (2001), é interessante haver a etapa de revisão, sempre com o intuito do aperfeiçoamento da qualidade do texto.

**COMMENTS ON REVISION OF JOURNALISTIC TEXTS THAT ARE TRANSLATED**

**ABSTRACT**

This paper discusses the importance of revising translations of journalistic texts. Initially, the notions of text revision, text gender, text type, and discourse domain have been referred to delimit the type of revision and the gender texts that are object of this discussion. Subsequently, three theoretical premises have been mentioned and commented. First, journalistic texts have characteristics that influence the way they are revised before being published. Second, there is a specific method of translation that is suitable to journalistic articles. Third, translations must be revised as a step of quality control of the text, which is due to the translation process itself. Based in those theoretical notions, an analysis comparing excerpts of four journalistic articles, originally written in English, to their translations into Portuguese has been carried out. Its purpose was to detect examples of language inadequacies or meaning changes in the translated texts. Moreover, the comparative analysis aimed to confirm the validity of the theoretical premises that have been mentioned. In the course of the analysis, inadequacies of language and changes of meaning were found. The analysis has shown that, when it comes to journalistic articles, revision must take into consideration the occurrence of inadequacies of language due to the translation process itself. Furthermore, revision must consider specific aspects of journalistic texts. Text revision is a desirable and necessary step to the quality of journalistic articles that are translated.

Keywords: Text revision. Journalistic text. Translation. Revision of translation. Comparative analysis.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Leandra Batista; COELHO, Sueli Maria Coelho. Revisão Textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v.14, n. 26, p. 205-224, 1º semestre 2010.

**CAMBRIDGE DICTIONARY**. Cambridge University Press 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english>>. Acesso em: 4. jan.2018.

COOPER, Kelly-Leigh. Abusos e mortes poem em xeque rituais de iniciação em clubes exclusives de universidade nos EUA. **BBC news.** 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-42038626>> Acesso em: 8.jan.2018

COOPER, Kelly-Leigh. The deadly problem with US college fraternities. **BBC news.**

17 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-42014128>> Acesso em: 8.jan.2018

DAVIS, Julie Hirschfeld; SHEAR, Michael.Política migratória do governo Trump desafia burocracia. **Folha de São Paulo**. Tradução: Clara Allain. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1946266-politica-migratoria-do-governo-trump-desafia-a-burocracia.shtml>> Acesso em: 8. Jan. 2018

DAVIS, Julie Hirschfeld; SHEAR, Michael. Trump’s way: stocking fears, Trump defied bureaucracy to advance immigration agenda. **The New York Times.** 23 dec. 2017. Disponível em: < https://nytimes.com/2017/12/23/us/politics/trump-immigration.html> Acesso em: 8 jan.2018.

DEJAVITE, Fábia Angélica; MARTINS, Paula. O Revisor de Texto no Jornal Impresso Diário e Seu Papel na Sociedade de Informação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, p.22-29, jul./dez. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Organizadores). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed, Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.19-36.

MORRIS. Wesley. A desconfortável culpa branca de George Clooney em “Suburbicon”. **Folha de São Paulo.** Tradução: Paulo Migliacci. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1946222-a-desconfortavel-culpa-branca-de-george-clooney-em-suburbicon.shtml(traduzido)](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1946222-a-desconfortavel-culpa-branca-de-george-clooney-em-suburbicon.shtml%28traduzido%29)>. Acesso em: 9. jan. 2018

MORRIS. Wesley. George Clooney’s Awkward White Guilt in ‘Suburbicon’. **The New York Times**. 12. dec. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/11/03/movies/george-clooney-suburbicon-racism.html>>. Acesso em: 9. jan. 2018

MOSSOP, Brian. **Editing and Revising for Translators**. St Jerome Publishing, Manchester: St. Jerome Publishing, 2001, p.iii, 83-95.

MUNIZ JR., José de Souza Muniz. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. In: NP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba/PR. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1079-1.pdf>.> Acesso em: 12 dez. 2017

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. London: Prentice-Hall International, 1988, p.45-48.

SALGADO, Luciana Salazar. **Quem mexeu no meu texto?** Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. Divinópolis: Artigo A, 2017, p.21

**THE FREE DICTIONARY BY FARLEX**. 2003/2018.Disponível em: <https://www.thefreedictionary.com/ >. Acesso em: 4.jan. 2018.

WEE, Sui-Lee; Tiantian, Zhang. In China, an Education in Dating. **The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/11/18/business/china-dating-schools.html>>. Acesso em: 9. jan. 2018

WEE, Sui-Lee; Tiantian, Zhang. Com aula de selfies, escolas lucram com solteirão chinês. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/11/1936479-com-aula-de-selfies-escolas-lucram-com-solteirao-chines.shtml>>.Acesso em: 9. jan. 2018

**ANEXO ­— Matérias jornalísticas, utilizadas como exemplo neste trabalho, em suas versões originais e traduzidas e/ou resumidas.**

**1**

**Matéria original:**

 Trump’s Way

 Stoking Fears, Trump Defied Bureaucracy to Advance Immigration Agenda

 The changes have had far-reaching consequences, both for the immigrants who
 have sought to make a new home in this country and for America’s image in the world.

 By Michael D. Michael D. Shear and Julie Hirschfeld Davis

 Dec. 23, 2017

 Washington — Late to his own meeting and waving a sheet of numbers, President Trump stormed into the Oval Office one day in June, plainly enraged.

 Five months before, Mr. Trump had dispatched federal officers to the nation’s airports [to stop travelers from several Muslim countries](https://www.nytimes.com/2017/01/27/us/politics/trump-syrian-refugees.html) from entering the United States in [a dramatic demonstration](https://www.nytimes.com/2017/01/28/us/refugees-detained-at-us-airports-prompting-legal-challenges-to-trumps-immigration-order.html) of how he would deliver on his campaign promise to fortify the nation’s borders.

 But so many foreigners had flooded into the country since January, he vented to his national security team, that it was making a mockery of his pledge. Friends were calling to say he looked like a fool, Mr. Trump said.

 According to six officials who attended or were briefed about the meeting, Mr. Trump then began reading aloud from the document, which his domestic policy adviser, Stephen Miller, had given him just before the meeting. The document listed how many immigrants had received visas to enter the United States in 2017.

 More than 2,500 were from Afghanistan, a terrorist haven, the president complained. Haiti had sent 15,000 people. They “all have AIDS,” he grumbled, according to one person who attended the meeting and another person who was briefed about it by a different person who was there.

 Forty thousand had come from Nigeria, Mr. Trump added. Once they had seen the United States, they would never “go back to their huts” in Africa, recalled the two officials, who asked for anonymity to discuss a sensitive conversation in the Oval Office.

 As the meeting continued, John F. Kelly, then the secretary of homeland security, and Rex W. Tillerson, the secretary of state, tried to interject, explaining that many were short-term travelers making one-time visits. But as the president continued, Mr. Kelly and Mr. Miller turned their ire on Mr. Tillerson, blaming him for the influx of foreigners and prompting the secretary of state to throw up his arms in frustration. If he was so bad at his job, maybe he should stop issuing visas altogether, Mr. Tillerson fired back.

 Tempers flared and Mr. Kelly asked that the room be cleared of staff members. But even after the door to the Oval Office was closed, aides could still hear the president berating his most senior advisers.

 Sarah Huckabee Sanders, the White House press secretary, denied on Saturday morning that Mr. Trump had made derogatory statements about immigrants during the meeting.

 “General Kelly, General McMaster, Secretary Tillerson, Secretary Nielsen and all other senior staff actually in the meeting deny these outrageous claims,” she said, referring to the current White House chief of staff, the national security adviser and the secretaries of state and homeland security. “It’s both sad and telling The New York Times would print the lies of their anonymous ‘sources’ anyway.”

 While the White House did not deny the overall description of the meeting, officials strenuously insisted that Mr. Trump never used the words “AIDS” or “huts” to describe people from any country. Several participants in the meeting told Times reporters that they did not recall the president using those words and did not think he had, but the two officials who described the comments found them so noteworthy that they related them to others at the time.

 The meeting in June reflects Mr. Trump’s visceral approach to an issue that defined his campaign and has indelibly shaped the first year of his presidency.

 Seizing on immigration as the cause of countless social and economic problems, Mr. Trump entered office with an agenda of symbolic but incompletely thought-out goals, the product not of rigorous policy debate but of emotionally charged personal interactions and an instinct for tapping into the nativist views of white working-class Americans.

 Like many of his initiatives, his effort to change American immigration policy has been executed through a disorderly and dysfunctional process that sought from the start to defy the bureaucracy charged with enforcing it, according to interviews with three dozen current and former administration officials, lawmakers and others close to the process, many of whom spoke on the condition of anonymity to detail private interactions.

 But while Mr. Trump has been repeatedly frustrated by the limits of his power, his efforts to remake decades of immigration policy have gained increasing momentum as the White House became more disciplined and adept at either ignoring or undercutting the entrenched opposition of many parts of the government. The resulting changes have had far-reaching consequences, not only for the immigrants who have sought to make a new home in this country, but also for the United States’ image in the world.

 “We have taken a giant steamliner barreling full speed,” Mr. Miller said in a recent interview. “Slowed it, stopped it, begun to turn it around and started sailing in the other direction.”

 It is an assessment shared ruefully by Mr. Trump’s harshest critics, who see a darker view of the past year. Frank Sharry, the executive director of America’s Voice, a pro-immigration group, argues that the president’s immigration agenda is motivated by racism.

 “He’s basically saying, ‘You people of color coming to America seeking the American dream are a threat to the white people,’” said Mr. Sharry, an outspoken critic of the president. “He’s come into office with an aggressive strategy of trying to reverse the demographic changes underway in America.”

 A Pledge With Appeal

 Those who know Mr. Trump say that his attitude toward immigrants long predates his entry into politics.

 “He’s always been fearful where other cultures are concerned and always had anxiety about food and safety when he travels,” said Michael D’Antonio, who interviewed him for the biography “The Truth About Trump.” “His objectification and demonization of people who are different has festered for decades.”

 Friends say Mr. Trump, a developer turned reality TV star, grew to see immigration as a zero-sum issue: What is good for immigrants is bad for America. In 2014, well before becoming a candidate, he tweeted: “Our government now imports illegal immigrants and deadly diseases. Our leaders are inept.”

But he remained conflicted, viewing himself as benevolent and wanting to be liked by the many immigrants he employed.

 Over time, the anti-immigrant tendencies hardened, and two of his early advisers, Roger J. Stone Jr. and Sam Nunberg, stoked that sentiment. But it was Mr. Trump who added an anti-immigrant screed to [his Trump Tower campaign announcement](https://www.nytimes.com/2015/06/17/us/politics/donald-trump-runs-for-president-this-time-for-real-he-says.html) in June 2015 in New York City without telling his aides.

 “When do we beat Mexico at the border? They’re laughing at us, at our stupidity,” Mr. Trump ad-libbed. “They’re sending people that have lots of problems, and they’re bringing those problems,” he continued. “They’re bringing drugs; they’re bringing crime; they’re rapists.”

 During his campaign, he [pushed a false story about Muslims celebrating in Jersey City](https://www.nytimes.com/2015/11/25/nyregion/a-definitive-debunking-of-donald-trumps-9-11-claims.html) as they watched the towers fall after the Sept. 11, 2001, attacks in New York. He said illegal immigrants were like “vomit” crossing the border. And he made pledges that he clearly could not fulfill.

 “We will begin moving them out, Day 1,” he [said at a rally in August 2016](https://www.nytimes.com/2016/09/02/us/politics/transcript-trump-immigration-speech.html), adding, “My first hour in office, those people are gone.”

 Democrats and some Republicans recoiled, calling Mr. Trump’s messaging damaging and divisive. But for the candidate, the idea of securing the country against outsiders with a wall had intoxicating appeal, though privately, he acknowledged that it was a rhetorical device to whip up crowds when they became listless.

 Senator Tom Cotton, Republican of Arkansas, whom Mr. Trump consults regularly on the matter, said it was not a stretch to attribute Mr. Trump’s victory to issues where Mr. Trump broke with a Republican establishment orthodoxy that had disappointed anti-immigrant conservatives for decades.

 “There’s no issue on which he was more unorthodox than on immigration,” Mr. Cotton said.

 Ban Restarts Enforcement

 Mr. Trump came into office with a long list of campaign promises that included not only [building the wall](https://www.nytimes.com/2017/01/25/world/americas/trump-mexico-border-wall.html) (and making Mexico pay for it), but creating a “[deportation force](http://www.msnbc.com/msnbc/trump-vows-humane-deportation-force),” [barring Muslims from entering the country](https://www.nytimes.com/politics/first-draft/2015/12/07/donald-trump-calls-for-banning-muslims-from-entering-u-s/) and immediately [deporting millions of immigrants with criminal records](https://www.nytimes.com/2016/11/15/us/politics/donald-trump-deport-immigrants.html).

 Mr. Miller and other aides had the task of turning those promises into a policy agenda that would also include an assault against a pro-immigration bureaucracy they viewed with suspicion and disdain. Working in secret, they drafted a half-dozen executive orders. One would crack down on [so-called sanctuary cities](https://www.nytimes.com/interactive/2016/09/02/us/sanctuary-cities.html). Another proposed changing the definition of a criminal alien so that it included people arrested — not just those convicted.

 But mindful of his campaign promise to quickly impose “extreme vetting,” Mr. Trump decided his first symbolic action would be an executive order to place a worldwide ban on travel from nations the White House considered compromised by terrorism.

 With no policy experts in place, and deeply suspicious of career civil servants they regarded as spies for President Barack Obama, Mr. Miller and a small group of aides started with an Obama-era law that identified seven terror-prone “countries of concern.” And then they skipped practically every step in the standard White House playbook for creating and introducing a major policy.

 The National Security Council never convened to consider the travel ban proposal. Sean Spicer, the White House press secretary at the time, did not see it ahead of time. Lawyers and policy experts at the White House, the Justice Department and the Homeland Security Department were not asked to weigh in. There were no talking points for friendly surrogates, no detailed briefings for reporters or lawmakers, no answers to frequently asked questions, such as whether green card holders would be affected.

 The announcement of the travel ban on a Friday night, seven days after Mr. Trump’s inauguration, created [chaotic scenes at the nation’s largest airports](https://www.nytimes.com/2017/01/29/us/politics/white-house-official-in-reversal-says-green-card-holders-wont-be-barred.html), as hundreds of people were stopped, and set off widespread confusion and loud protests. Lawyers for the government raced to defend the president’s actions against [court challenges](https://www.nytimes.com/2017/01/29/us/politics/trump-immigration-refugee-order.html), while aides struggled to explain the policy to [perplexed lawmakers](https://www.nytimes.com/2017/01/29/us/politics/republicans-congress-trump-refugees.html) the next night at a black-tie dinner.

 White House aides resorted to Google searches and frenzied scans of the United States Code to figure out which countries were affected.

 But for the president, the chaos was the first, sharp evidence that he could exert power over the bureaucracy he criticized on the campaign trail.

 “It’s working out very nicely,” Mr. Trump told reporters in the Oval Office the next day.

 At a hastily called Saturday night meeting in the Situation Room, Mr. Miller told senior government officials that they should tune out the whining.

 Sitting at the head of the table, across from Mr. Kelly, Mr. Miller repeated what he told the president: This is what we wanted — to turn immigration enforcement back on.

 Mr. Kelly, who shared Mr. Trump’s views about threats from abroad, was nonetheless livid that his employees at homeland security had been called into action with no guidance or preparation. He told angry lawmakers that responsibility for the rollout was “all on me.” Privately, he told the White House, “That’s not going to happen again.”

 Forced to Back Down

 Amid the turbulent first weeks, Mr. Trump’s attempt to bend the government’s immigration apparatus to his will began to take shape.

 The ban’s message of “keep out” helped drive down illegal border crossings as much as 70 percent, even without being formally put into effect.

 Immigration officers rounded up 41,318 undocumented immigrants during the president’s first 100 days, nearly a 40 percent increase. The Justice Department began hiring more immigration judges to speed up deportations. Officials threatened to hold back funds for sanctuary cities. The flow of refugees into the United States slowed.

 Mr. Trump “has taken the handcuffs off,” said Steven A. Camarota of the Center for Immigration Studies, an advocacy group that favors more limits on immigration.

 Mr. Obama had been criticized by immigrant rights groups for excessive deportations, especially in his first term. But Mr. Camarota said that Mr. Trump’s approach was “a distinct change, to look at what is immigration doing to us, rather than what is the benefit for the immigrant.”

 The president, however, remained frustrated that the shift was not yielding results.

 By early March, judges across the country had blocked his travel ban. Immigrant rights activists were crowing that they had thwarted the new president. Even Mr. Trump’s own lawyers told him he had to give up on defending the ban.

 Attorney General Jeff Sessions and lawyers at the White House and Justice Department had decided that waging an uphill legal battle to defend the directive in the Supreme Court would fail. Instead, they wanted to devise a narrower one that could pass legal muster.

 The president, though, was furious about what he saw as backing down to politically correct adversaries. He did not want a watered-down version of the travel ban, he yelled at Donald F. McGahn II, the White House counsel, as the issue came to a head on Friday, March 3, in the Oval Office.

 It was a familiar moment for Mr. Trump’s advisers. The president did not mind being told “no” in private, and would sometimes relent. But he could not abide a public turnabout, a retreat. At those moments, he often exploded at whoever was nearby.

 As Marine One waited on the South Lawn for Mr. Trump to begin his weekend trip to Palm Beach, Fla., Mr. McGahn insisted that administration lawyers had already promised the court that Mr. Trump would issue a new order. There was no alternative, he said.

 “This is bullshit,” the president responded.

 With nothing resolved, Mr. Trump, furious, left the White House. A senior aide emailed a blunt warning to a colleague waiting aboard Air Force One at Joint Base Andrews in Maryland: “He’s coming in hot.”

 Already mad at Mr. Sessions, who the day before [had recused himself](https://www.nytimes.com/2017/03/02/us/politics/jeff-sessions-russia-trump-investigation-democrats.html) in the Russia investigation, Mr. Trump refused to take his calls. Aides told Mr. Sessions he would have to fly down to Mar-a-Lago to plead with the president in person to sign the new order.

 Over dinner that night with Mr. Sessions and Mr. McGahn, Mr. Trump relented. When he was back in Washington, he signed the new order. It was an indication that he had begun to understand — or at least, begrudgingly accept — the need to follow a process.

 Still, one senior adviser later recalled never having seen a president so angry signing anything.

 Soft Spot for ‘Dreamers’

 As a candidate, Mr. Trump had repeatedly contradicted himself about the deportations he would pursue, and whether he was opposed to any kind of path to citizenship for undocumented immigrants. But he also courted conservative voters by describing an Obama-era policy as an illegal amnesty for the immigrants who had been brought to the United States as children.

 During the transition, his aides drafted an executive order to end the program, known as Deferred Action for Childhood Arrivals. But the executive order was held back as the new president struggled with conflicted feelings about the young immigrants, known as Dreamers.

 “We’re going to take care of those kids,” Mr. Trump had pledged to Senator Richard J. Durbin during a private exchange at his Inauguration Day luncheon.

The comment was a fleeting glimpse of the president’s tendency to seek approval from whoever might be sitting across from him, and the power that personal interactions have in shaping his views.

 In 2013, Mr. Trump met with a small group of Dreamers at Trump Tower, hoping to improve his standing with the Hispanic community. José Machado told Mr. Trump about waking up at the age of 15 to find his mother had vanished — deported, he later learned, back to Nicaragua.

 “Honestly,” Mr. Machado said of Mr. Trump, “he had no idea.”

 Mr. Trump appeared to be touched by the personal stories, and insisted that the Dreamers accompany him to his gift shop for watches, books and neckties to take home as souvenirs. In the elevator on the way down, he quietly nodded and said, “You convinced me.”

 Aware that the president [was torn about the Dreamers](https://www.nytimes.com/2017/02/26/us/politics/daca-dreamers-immigration-trump.html), Jared Kushner, his son-in-law, quietly reached out in March to Mr. Durbin, who had championed legislation called the Dream Act to legalize the immigrants, to test the waters for a possible deal.

 After weeks of private meetings on Capitol Hill and telephone conversations with Mr. Durbin and Senator Lindsey Graham, a South Carolina Republican supportive of legalizing the Dreamers, Mr. Kushner invited them to dinner at the six-bedroom estate he shares with his wife, Ivanka Trump.

 But Mr. Durbin’s hope of a deal faded when he arrived to the house and saw who one of the guests would be.

 “Stephen Miller’s presence made it a much different experience than I expected,” Mr. Durbin said later.

 Confronting the ‘Deep State’

 Even as the administration was engaged in a court battle over the travel ban, it began to turn its attention to another way of tightening the border — by limiting the number of refugees admitted each year to the United States. And if there was one “deep state” stronghold of Obama holdovers that Mr. Trump and his allies suspected of undermining them on immigration, it was the State Department, which administers the refugee program.

 At the department’s Bureau of Population, Refugees and Migration, there was a sense of foreboding about a president who had once warned that any refugee might be a “Trojan horse” or part of a “terrorist army.”

 Mr. Trump had already used the travel ban to cut the number of allowable refugees admitted to the United States in 2017 to 50,000, a fraction of the 110,000 set by Mr. Obama. Now, Mr. Trump would have to decide the level for 2018.

At an April meeting with top officials from the bureau in the West Wing’s Roosevelt Room, Mr. Miller cited statistics from the restrictionist Center for Immigration Studies that indicated that resettling refugees in the United States was far costlier than helping them in their own region.

 Mr. Miller was visibly displeased, according to people present, when State Department officials pushed back, citing another study that found refugees to be a net benefit to the economy. He called the contention absurd and said it was exactly the wrong kind of thinking.

 But the travel ban had been a lesson for Mr. Trump and his aides on the dangers of dictating a major policy change without involving the people who enforce it. This time, instead of shutting out those officials, they worked to tightly control the process.

In previous years, State Department officials had recommended a refugee level to the president. Now, Mr. Miller told officials the number would be determined by the Department of Homeland Security under a new policy that treated the issue as a security matter, not a diplomatic one.

 When he got word that the Office of Refugee Resettlement had drafted a 55-page report showing that refugees were a net positive to the economy, Mr. Miller swiftly intervened, requesting a meeting to discuss it. The study never made it to the White House; it was shelved in favor of a three-page list of all the federal assistance programs that refugees used.

 At the United Nations General Assembly in September, Mr. Trump cited the Center for Immigration Studies report, arguing that it was more cost-effective to keep refugees out than to bring them into the United States.“Uncontrolled migration,” Mr. Trump declared, “is deeply unfair to both the sending and receiving countries.”

 More Disciplined Approach

 Cecilia Muñoz, who served as Mr. Obama’s chief domestic policy adviser, said she was alarmed by the speed with which Mr. Trump and his team have learned to put their immigration agenda into effect.

 “The travel ban was a case of bureaucratic incompetence,” she said. “They made rookie mistakes. But they clearly learned from that experience. For the moment, all of the momentum is in the direction of very ugly, very extreme, very harmful policies.”

 By year’s end, the chaos and disorganization that marked Mr. Trump’s earliest actions on immigration had given way to a more disciplined approach that yielded concrete results, [steered in large part by Mr. Kelly](https://www.nytimes.com/2017/07/28/us/politics/john-kelly-chief-of-staff-donald-trump.html), a retired four-star Marine general. As secretary of homeland security, he had helped unleash immigration officers who felt constrained under Mr. Obama. They arrested 143,000 people in 2017, a sharp uptick, and deported more than 225,000.

 Later, as White House chief of staff, Mr. Kelly quietly persuaded the president to drop his talk of Mexico paying for the wall. But he has advocated on behalf of the president’s restrictionist vision, [defying his reputation](https://www.nytimes.com/2017/10/25/us/politics/trump-kelly.html) as a moderator of Mr. Trump’s hard-line instincts.

 In September, [a third version of the president’s travel ban](https://www.nytimes.com/2017/09/24/us/politics/new-order-bars-almost-all-travel-from-seven-countries.html) was issued with little fanfare and new legal justifications. Then, Mr. Trump overruled objections from diplomats, capping refugee admissions at 45,000 for 2018, the lowest since 1986. In November, the president [ended a humanitarian program](https://www.nytimes.com/2017/11/20/us/haitians-temporary-status.html) that granted residency to 59,000 Haitians since a 2010 earthquake ravaged their country.

 As the new year approached, officials began considering [a plan to separate parents from their children](https://www.nytimes.com/2017/12/21/us/trump-immigrant-families-separate.html) when families are caught entering the country illegally, a move that immigrant groups called draconian.

 At times, though, Mr. Trump has shown an openness to a different approach. In private discussions, he returns periodically to the idea of a “comprehensive immigration” compromise, though aides have warned him against using the phrase because it is seen by his core supporters as code for amnesty. During a fall dinner with Democratic leaders, Mr. Trump explored the possibility of a bargain to legalize Dreamers in exchange for border security.

 Mr. Trump even told Republicans recently that he wanted to think bigger, envisioning a deal early next year that would include a wall, protection for Dreamers, work permits for their parents, a shift to merit-based immigration with tougher work site enforcement, and ultimately, legal status for some undocumented immigrants.

 The idea would prevent Dreamers from sponsoring the parents who brought them illegally for citizenship, limiting what Mr. Trump refers to as “chain migration.”

 “He wants to make a deal,” said Mr. Graham, who spoke with Mr. Trump about the issue last week. “He wants to fix the entire system.”

 Yet publicly, Mr. Trump has only employed the absolutist language that defined his campaign and has dominated his presidency.

 After an Uzbek immigrant was arrested on suspicion of [plowing a truck into a bicycle path](https://www.nytimes.com/2017/10/31/nyregion/police-shooting-lower-manhattan.html) in Lower Manhattan in October, killing eight people, the president seized on the episode.

 Privately, in the Oval Office, the president expressed disbelief about the visa program that had admitted the suspect, confiding to a group of visiting senators that it was yet another piece of evidence that the United States’ immigration policies were “a joke.”

 Even after a year of progress toward a country sealed off from foreign threats, the president still viewed the immigration system as plagued by complacency.

 “We’re so politically correct,” he complained to reporters in the cabinet room, “that we’re afraid to do anything.”

 Matthew Rosenberg and Maggie Haberman contributed reporting.

**Matéria traduzida**

 Política migratória do governo Trump desafia a burocracia

 Atrasado para a reunião que ele próprio convocara e agitando uma folha coberta de números, o presidente dos EUA, Donald Trump, entrou no Salão Oval um dia em junho, enfurecido.

 Cinco meses antes, ele despachara agentes federais a aeroportos do país para impedir passageiros de vários países muçulmanos de entrarem nos EUA, numa demonstração dramática de como pretendia cumprir sua promessa de campanha de fortalecer as fronteiras.

 Mas tantos estrangeiros haviam entrado desde janeiro, disse Trump à sua equipe, furioso, que a promessa estava sendo ridicularizada.

 Segundo funcionários que participaram da reunião ou foram informados do que foi discutido, Trump começou a ler em voz alta o documento, que Stephen Miller, assessor de política nacional, lhe entregara logo antes, que listava o número de imigrantes que haviam recebido visto para ingressar nos EUA em 2017.

 Mais de 2.500 eram do Afeganistão, um paraíso para terroristas, queixou-se o presidente. Quinze mil pessoas haviam vindo do Haiti. "Todas têm Aids", Trump resmungou.

 Quarenta mil pessoas tinham chegado da Nigéria, acrescentou Trump. Depois de conhecerem os EUA, elas "nunca mais iam querer voltar para suas choças" na África.

John Kelly, então secretário da Segurança Interna, e RexTillerson, secretário de Estado, teriam tentado intervir, explicando que muitas dessas pessoas estavam apenas visitando o país. Mas, quando o presidente continuou furioso, Kelly e Miller se voltaram contra Tillerson, culpando-o pelo fluxo de estrangeiros.

 No sábado (23), a porta-voz da Casa Branca, Sarah HuckabeeSanders, negou que Trump tenha feito comentários depreciativos sobre imigrantes na reunião. "O general Kelly, o general McMaster, o secretário Tillerson, a secretária Neilsen e todos os outros assessores que estavam presentes rejeitam essas acusações absurdas", ela disse, aludindo ao atual chefe de gabinete da Casa Branca, o assessor de Segurança Nacional e os secretários de Estado e de Segurança Interna.

 A reunião de junho reflete a abordagem visceral de Trump a uma questão que definiu sua campanha e moldou indelevelmente o primeiro ano de sua Presidência.

 Como muitas de suas iniciativas, seu esforço para mudar a política imigratória dos Estados Unidos vem sendo executado em um processo desordeiro e disfuncional.

 Mas, enquanto Trump vem ficando frustrado repetidas vezes pelos limites de seu poder, seus esforços para transformar décadas de política imigratória americana estão ganhando ímpeto crescente.

 Trump chegou ao poder com uma longa lista de promessas de campanha, que incluíam não apenas a construção de um muro na fronteira com o México mas também a criação de uma "força de deportação", a proibição de entrada de muçulmanos no país e a deportação imediata de milhões de imigrantes com antecedentes criminais.

 Lembrando-se de sua promessa de campanha de impor rapidamente um sistema de "verificação extrema" de estrangeiros, Trump decidiu que sua primeira ação simbólica seria uma ordem executiva para proibir o ingresso no país de pessoas vindas de países que a Casa Branca considerava terem sido comprometidos pelo terrorismo.

 O anúncio do decreto numa noite de sexta-feira, sete dias após a posse de Trump, gerou cenas de caos nos maiores aeroportos, quando centenas de pessoas foram barradas, e desencadeou confusão generalizada e protestos.

 Nos primeiros cem dias de Trump no poder, agentes detiveram 41.318 imigrantes que estavam no país ilegalmente, um aumento de quase 40%.

 O Departamento de Justiça começou a contratar mais juízes de imigração para acelerar as deportações. O fluxo de refugiados ingressando nos Estados Unidos diminuiu.

 NOVO DECRETO

 No início de março, juízes em várias partes do país sustaram o decreto de migração. O secretário da Justiça, Jeff Sessions, e advogados da Casa Branca e do Departamento de Justiça decidiram que defender a ordem na Suprema Corte resultaria em fracasso. Em vez disso, a proposta deles era que fosse redigido um decreto mais restrito que pudesse passar pelo crivo legal. Mas o presidente ficou furioso com o que viu como sendo um recuo diante de adversários politicamente corretos.

 Em um jantar com Sessions, Trump cedeu. Quando retornou a Washington, assinou a nova ordem. Foi um indicativo de que ele tinha começado a compreender a necessidade de respeitar os processos de praxe.

 Ao mesmo tempo, o governo começava a voltar sua atenção a outra maneira de endurecer a fronteira: limitar o número de refugiados.

 Em setembro foi lançada uma terceira versão do decreto migratório do presidente, com pouco alarde. Trump passou por cima de objeções feitas por diplomatas e impôs um limite de 45 mil aos refugiados aceitos em 2018, o número mais baixo desde 1986.

 Em novembro, o presidente encerrou um programa humanitário que tinha dado residência a 59 mil haitianos desde o terremoto de 2010.

 O presidente ainda vê um sistema imigratório marcado pela complacência. Ele se queixou a jornalistas: "Somos tão politicamente corretos que temos medo de fazer qualquer coisa".

 Tradução de CLARA ALLAIN

**2**

**Matéria original**

 The deadly problem with US college fraternities

 By Kelly-Leigh Cooper BBC News

 17 November 2017

 Penn State University student Tim Piazza was pronounced dead in the early hours of 4 February. Like 13 other pledges to the Beta Theta Pi fraternity, the 19-year-old had been taking part in a "run the gauntlet" event at the chapter's house, which involved drinking a mix of alcoholic drinks at a fast pace.

 Authorities announced on Monday that the FBI had recovered a surveillance video they believe was intentionally deleted. They say it showed that Tim was given at least 18 drinks in the 82 minutes before he fell 15ft (4.6m) down the steps of the fraternity house's basement.

 But it would take about 12 hours before any of his fraternity brothers called emergency services.

 Medical reports say he had a fractured skull and irreversible traumatic brain injuries. His spleen had ruptured in multiple places, causing extensive internal bleeding and haemorrhagic shock.

 Now 26 members of Beta Theta Pi are facing charges related to his death that range from hazing to involuntary manslaughter.

 While horrific, this incident is not isolated. Three other students at different US universities have died since Tim's death - two in the last couple of weeks.

There have been [70 student deaths attributed to hazing since 2000](http://www.hanknuwer.com/hazing-deaths/). This does not include cases dismissed as accidents.

 "Universities tend not to be regulators until someone dies," said Bloomberg journalist John Hechinger, the author of True Gentleman: The Broken Pledge of America's Fraternities.

 He spent two years researching and writing the book, meeting students and reviewing disciplinary and court records while examining the role of fraternities.

 "They're in the height of their power at the very moment that concerns are deepening", he told the BBC.

 An American tradition

 Today's fraternities and their like have origins in the 1820s. They have become a uniquely American tradition on campuses across the country. A loose confederacy of groups, sororities and fraternities may have dozens of chapters nationally at different institutions.

 They operate with a huge degree of autonomy and levels of supervision are varied.

 As their popularity and membership levels have risen, universities have been able to use them as a way to draw in prospective students. While they are largely independently funded through donations and student contributions, colleges sometimes offer subsidies and incentives like cheap leases on properties.

 Founded on conservative values of camaraderie and philanthropy, they enjoy a high representation in high-earning professions and in politics.

 Sororities and fraternities have about 400,000 undergraduate members nationally and own about $3bn (£2.2bn) of property.

 The outside view of US college culture and so-called "Greek life" is founded in its prevalence in popular film and television culture - something that focuses heavily on the partying aspect.

 "You have this 1978 movie Animal House. I'm not sure it was its intention but it satirised and glorified the drinking culture. It was deeply influential in what people thought a US college experience should look like," Hechinger said.

 Undergraduates in the United States can be as young as 18, but the national drinking age has been 21 since the 1980s.

 "When the drinking age went up, it became harder for students to find alcohol so fraternities became a sort of under-age bar. This heightened their overall power and made them a hot ticket.

 "In huge universities they control the flow of alcohol."

 The National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism contends that [college students have higher incidence of binge-drinking than non-college peers](https://pubs.niaaa.nih.gov/publications/collegefactsheet/Collegefactsheet.pdf).

 All four students who died this year were reported to be new members (or "pledges"). The selection process for "rushing" applicants can sometimes last months, and provisional members do not know if they will be made a full member.

 "This creates a power imbalance where the older members can tell them what to do," Hechinger explained.

 Hazing, defined as activities or situations that intentionally cause embarrassment, harassment or ridicule, or that risk harm, is widely banned as a practice but initiation ceremonies continue to be prevalent as part of fraternity "traditions".

 Not all of these are solely alcohol based. In April [a student was charged with smearing peanut butter in the face of a student with a deadly allergy](http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-39569664).

 Hechinger points out that one of the ways that universities and fraternities have tried to combat controversies is by banning or suspending the pledging process, or not allowing the newest students to apply.

 "That way they're not so desperate to join - they'll have an established group of friends already," he said.

 Sigma Alpha Epsilon, the fraternity Hechinger focused his research on, had 10 members die between 2008 and 2014. [After the fraternity banned the initiation process, they have not had another death](http://time.com/16378/sigma-alpha-epsilon-frat-bans-initiations/).

 Is the problem getting worse?

 Research showing alcohol and hazing related deaths are nothing new, but [data shows fatalities appear to be on the increase](http://www.hanknuwer.com/hazing-deaths/).

 Hechinger said his extensive research suggested one of the reasons could possibly be because of increased consumption of stronger forms of alcohol.

 "Beer kegs are cheaper, but for under-age drinkers they are harder to hide," he said. "Scientifically it's very difficult to physically poison yourself with beer. With the shift to hard liquor you can literally drink yourself to death in an hour."

 Universities have reacted to deaths and reports of sexual assaults in fraternities with a range of measures. Hechinger said the "standard" response was a temporary suspension of Greek life in the aftermath, including alcohol bans and reform pledges by the groups involved.

 But there are cases where more radical action was taken. Some have banned Greek life altogether and developed their own models of internal colleges with housing, but those reform measures were done when the system was less popular.

Sororities and fraternities are extremely influential organisations nationally and at university level. A total abolition of them could cause major infrastructural problems, including with student housing.

 Since the deaths of 20-year-olds Andrew Coffey and Matthew Ellis, Greek life has been suspended at their Florida and Texas State universities. In Florida, this comes in the form of an "indefinite ban" - their president is demanding a "new normal" before activities can return.

 Other allegations of hazing incidents have led to similar measures this year at the University of Michigan, Montana State University and Ohio State.

 At a state level, anti-hazing laws have been implemented, but questions around meaningful deterrence remain as controversies and deaths continue.

 Image copyright ABC Image caption The Beta Theta Pi fraternity house at Penn State

 Whether the spate of tragedies this year is enough to initiate lasting change remains to be seen; the stories from the last couple of months must be all too familiar for the parents of victims, including Tim Piazza.

 Speaking at Monday's press conference where new charges were announced, his father Jim said: "Tim was a happy and caring human being and a wonderful son who just wanted to join an organisation to find friendships and camaraderie.

 "Instead he was killed at the hands of those he was seeking friendship from.

 "It's time to man up, fellas, and be held accountable for your actions.

 "Hazing needs to stop. There is just no place for it. A statement needs to be made."

**Matéria traduzida:**

 Abusos e mortes põem em xeque rituais de iniciação em clubes exclusivos de universidades nos EUA

 Kelly-Leigh Cooper, da BBC News

 19 novembro 2017

 Tim Piazza, estudante da Universidade Estadual de Pensilvânia, foi declarado morto na madrugada do último dia 4 de fevereiro.

 Assim como outros 13 candidatos a entrar na fraternidade Beta ThetaPi, o jovem de 19 anos participava de uma "cerimônia de iniciação" que incluía ingerir uma mistura de bebidas alcoólicas o mais rápido possível.

 As autoridades americanas anunciaram na última segunda-feira que o FBI recuperou um vídeo que as câmeras de segurança haviam registrado na noite de sua morte e que, ao que parece, foi apagado intencionalmente.

 A gravação mostra que Tim consumiu pelo menos 18 bebidas em 82 minutos, antes de cair de uma altura de 4,6 metros pela escadaria do sótão da casa da fraternidade.

 No entanto, pelo menos 12 horas se passaram antes que qualquer um dos membros da Beta ThetaPi chamasse os serviços de emergência.

 Os laudos médicos indicaram que Piazza tieve uma fratura no crânio e lesões cerebrais traumáticas irreversíveis. Seu baço também se rompeu em vários lugares, o que provocou hemorragia interna e um choque hemorrágico.

 Agora, 26 membros da Beta ThetaPi enfrentam acusações relacionadas a sua morte, que vão desde fazer trotes, algo ilegal em partes dos Estados Unidos, até homicídio culposo (sem a intenção de matar).

 Mas este caso é apenas um dos que ocorreram este ano no país.

 Outros três estudantes de diferentes universidades americanas morreram desde o incidente de Tim Piazza - dois deles nas últimas semanas.

 No total, foram registradas 70 mortes de estudantes relacionadas com trotes desde 2000, um número que não inclui as que foram consideradas acidentes.

 "As universidades tendem a não regular essas atividades até que alguém morre", disse à BBC o jornalista da Bloomberg John Hechinger, autor de *True Gentleman: The Broken Pledge of America's Fraternities* (Um verdadeiro cavalheiro: a promessa quebrada das fraternidades da América, em tradução livre).

 O livro é resultado de uma pesquisa de dois anos sobre essas organizações estudantis tradicionais no país. "Elas cada vez têm mais poder justamente no momento em que aumenta a preocupação a respeito do tema."

 Tradição americana

 As fraternidades de hoje tiveram origem na década de 1820 e se tornaram uma tradição exclusivamente dos campi universitários americanos.

 Elas operam com um alto grau de autonomia dentro das instituições, com níveis de supervisão variados.

 Na medida em que sua popularidade aumentou, as universidades também começaram a utilizar as organizações como forma de atrair potenciais estudantes.

 Fundadas em valores conservadores de camaradagem e filantropia, as fraternidades têm alta representação em cargos bem remunerados e na política - ter pertencido a algumas delas, portanto, é visto como algo que pode garantir a entrada dos jovens profissionais nos círculos do poder.

 Apesar de geralmente serem financiadas de maneira independente, através de doações de alunos e ex-alunos, as fraternidades às vezes recebem incentivos e subsídios das universidades, como alugueis mais baratos em propriedades no campus.

 As sororidades (ou irmandades, para mulheres) e fraternidades têm aproximadamente 400 mil estudantes de graduação como membros em todo o país - e cerca de US$ 3 bilhões em propriedades.

 Na cultura cinematográfica e televisiva, as organizações são frequentemente retratadas em seus excessos, mas as festas e a diversão são consideradas um marco da vida no ensino superior.

 "Temos, por exemplo, o filme *Clube dos Cafajestes*, de 1978. Não sei se foi exatamente a intenção, mas ele satirizava e também glorificava a cultura da bebida. Isso influenciou profundamente o que nós pensávamos que deveria ser uma experiência universitária nos EUA", diz Hechinger.

 Os estudantes no país podem ter 18 anos ou até menos ao ingressar na universidade, mas a idade legal para beber, desde a década de 1980, é de 21 anos. Dentro dos campi, no entanto, ela muitas vezes não é respeitada.

 "Quando a idade permitida para beber aumentou, ficou mais difícil para os estudantes comprarem álcool. Por isso, as fraternidades viraram uma espécie de bar para quem está abaixo da idade legal. Isso aumentou o poder delas e as transformou em atração. Só nas universidades maiores o fluxo de álcool é mais controlado."

 O Instituto Nacional sobre Abuso de Álcool e Alcoolismo dos Estados Unidos afirma que entre os estudantes universitários há maior incidência de consumo excessivo de bebidas alcóolicas do que entre os não universitários.

 Abuso de poder

 De acordo com relatos, os quatro estudantes que morreram este ano eram novos membros de fraternidades.

 O processo de seleção chega a durar meses em alguns casos, e os eleitos entram em caráter provisório, sem saber ainda se já são membros em pleno direito.

 "Isso cria um desequilíbrio de poder onde os membros mais antigos podem dizer aos novatos o que eles devem fazer (para serem efetivados)", explica Hechinger.

 Os trotes - conhecidos como atividades ou situações que causam vergonha, assédio ou expõem os calouros ao ridículo intencionalmente - são amplamente proibidos no país, mas as cerimônias de iniciação continuam sendo uma tradição na maioria das fraternidades.

 Mas nem todas elas se baseiam no consumo de álcool.

 Em abril, um estudante foi acusado de passar manteiga de amendoim no rosto de um companheiro que tinha uma alergia fatal ao produto.

 Segundo Hechinger, uma das maneiras como as universidades e as fraternidades têm tentado combater situações como estas é proibindo ou suspendendo a entrada de aspirantes às casas envolvidas neste tipo de incidente.

 A fraternidade Sigma Alpha Epsilon (SAE), uma das maiores e mais ricas do país, na qual Hechinger concentrou sua pesquisa, teve 10 membros mortos em atividades entre 2008 e 2014.

 Desde que as cerimônias de iniciação foram proibidas, no entanto, não houve nenhuma morte.

 Mas estudantes também relataram ter sido estupradas em festas da SAE em mais de uma universidade do país.

 Aumento

 As pesquisas sobre a ocorrência de mortes relacionadas com álcool e os trotes universitários não são novas, mas os dados mostram que o número de incidentes parece estar aumentando.

 De acordo com Hechinger, seu levantamento indica que uma das razões para isso poderia ser o aumento do consumo de bebidas alcoólicas mais fortes.

 "Os barris de cerveja são mais baratos, mas mais difíceis de esconder. Cientificamente, é muito difícil morrer por causa da cerveja. Com a mudança para bebidas mais fortes, é possível beber até a morte em uma hora", afirma.

 Diante dos casos de morte e de agressões sexuais, algumas universidades tomaram medidas como suspender temporariamente as festas em fraternidades, proibir completamente consumo de álcool e prometer reformas no sistema que regula as organizações.

 Mas estas irmandades e fraternidades são extremamente influentes nacionalmente e dentro das universidades. Muitos de seus ex-membros, afinal, são homens e mulheres poderosos.

 Uma abolição total destas organizações também poderia causar problemas importantes de infraestrutura, principalmente nas residências dos estudantes. Em geral, os membros das fraternidades e irmandades vivem nas casas alugadas pela organização.

 Desde a morte de Andrew Coffey e Matthew Ellis, de 20 anos, no início de novembro, as universidades estaduais da Flórida e do Texas suspenderam as festas em fraternidades.

 Na Flórida foi estabelecida uma "proibição indefinida" - o reitor quer que se estabeleça um "novo normal" antes que as atividades possam voltar a ser realizadas.

 Outras denúncias de incidentes em trotes levaram à adoção de medidas semelhantes na Universidade de Michigan, na Universidade Estadual de Montana e na Universidade Estadual de Ohio.

 Em nível estadual, foram implementadas leis antitrotes, mas ainda há dúvidas sobre seu funcionamento, na medida que as mortes se multiplicam.

 Ainda não se sabe se as tragédias de 2017 serão suficientes para dar início a uma mudança duradoura na cultura das fraternidades.

 "Tim era um ser humano feliz e carinhoso e um filho maravilhoso, que só queria entrar num grupo para fazer amizades. Em vez disso, morreu nas mãos daqueles cuja amizade ele buscava", disse Jim, pai de Tim Piazza, à imprensa na segunda-feira, após o anúncio das novidades sobre a morte do estudante.

 "Está na hora de crescer, amigos, e se responsabilizar por suas ações. O trote precisa acabar. Não existe mais lugar para ele."

**3**

**Matéria original**

 In China, an Education in Dating

 [查看简体中文版](https://cn.nytimes.com/business/20171120/china-dating-schools/)

 [查看繁體中文版](https://cn.nytimes.com/business/20171120/china-dating-schools/zh-hant/)

 JINAN, China — Zhang Zhenxiao is 27 years old. He has never been in a relationship. He has never kissed a woman.

 Now, Mr. Zhang is ready for love — but like many men in China, he doesn’t know where to begin.

 So Mr. Zhang turned to a dating coach. The “Fall in Love Emotional Education” school, which caters to straight men, has taught him how to groom himself, approach a woman and flirt his way into her smartphone contacts.

 “There are many people who lack the ability to have a relationship,” said Mr. Zhang, who enrolled in a three-day course during a weeklong holiday in October. “Many times, it’s not that there’s something wrong with us. It’s that we don’t know what details to pay attention to.”

 While dating is hard everywhere, it is arguably worse for Chinese men looking for a woman. China’s [now-ended](https://www.nytimes.com/2015/10/30/world/asia/china-end-one-child-policy.html)[one-child policy](https://www.nytimes.com/2015/11/06/magazine/the-long-shadow-of-chinas-one-child-policy.html), carried out in a country with a strong cultural preference for boys, prompted many couples to abort female fetuses. In 2016, there were about [33.6 million more men](https://www.nytimes.com/2017/02/14/world/asia/china-men-marriage-gender-gap.html?_r=0) than women in China, according to the government.

 “They are caught in a very difficult situation, especially for those with no money,” said Li Yinhe, a prominent scholar of sexuality in China.

 China worries about its lonely hearts. Newspapers warn that a surplus of unhappy, single men in China could lead to an increase in human trafficking, sex crimes and social instability. So the government is playing matchmaker.

 In June, the Communist Youth League, a training ground for many top officials, organized a [mass speed dating event](http://www.globaltimes.cn/content/1056698.shtml) for 2,000 young singles in the eastern province of Zhejiang. The same month, the All-China Women’s Federation in northwestern Gansu Province helped organize a similar event for “leftover men and women,” a term used in China to refer to unmarried people in their late 20s or older.

 For decades, Chinese marriages were arranged through matchmakers or families. [In some places](https://www.chinahighlights.com/shanghai/article-shanghai-marriage-market.htm), parents still post the résumés of their single children on trees and lampposts.

 Marriage was utilitarian, done so people could start a family. Even when the notion of “freedom to love” became popular after 1950, there were few social venues for people to snuggle and mingle. Until the late 1990s, sex outside marriage was illegal.

 Mr. Zhang’s dating coach, Zhang Mindong, said he was once like the men he teaches. A self-professed loser, or “diaosi,” Zhang Mindong said he suffered a painful breakup in 2012. He turned to the internet to find solutions and discovered the term “pick-up artist.”

 Zhang Mindong started his school in the eastern city of Jinan in 2014, which he now runs with Cui Yihao, 25, and Fan Long, 29. Their services range from $45 for an online course to about $3,000 for one-on-one coaching. Similar schools have opened in several Chinese cities in recent years.

 The number of students who take offline courses at “Fall in Love Emotional Education” has grown from one in 2014, to more than 300 now, according to Zhang Mindong. About 90 percent of graduates end up with girlfriends, he said.

 At the October session, there was Yu Ruitong, a 23-year-old software developer who had three previous relationships; Ye Chaoqun, a 27-year-old small business owner who is hoping to make the woman he likes fall in love with him; and James Zhang, a 30-year-old cancer doctor who is looking to expand the circle of women he knows. Both Mr. Ye and James Zhang have returned to polish what they learned earlier — this time free of charge.

 To show his students what they were up against, Zhang Mindong held up a profile of an attractive woman on a dating app that had garnered “likes” from 7,000 men. “This is the environment in China,” he said.

 In the first hour, Zhang Mindong proclaimed them sartorial disasters. Most of the first day was devoted to improving dress. (“Narrow collars, sleeves should be folded up above the elbow and trousers should be fitted.”) They bought clothes and got haircuts.

 “After getting into a relationship with a woman, many Chinese men let themselves go. They don’t wash their hair, change their clothes and become really dirty,” said Zhang Mindong, who was wearing hip glasses and a fitted white shirt.

“But that’s not the case for women, and this is why so many Chinese men can’t have a long-term relationship.”

 The makeovers are followed by the students posing for photos — reading Stephen Hawking’s “A Brief History of Time,” sipping tea and nibbling canapés presented in a silver bird cage, looking pensively out a window. That culminated in selfies with Wang Zhen, a female friend of Mr. Cui’s.

 That’s designed for dating in the digital era. In China, where [the mobile internet has revolutionized social life](https://www.nytimes.com/2016/08/03/technology/china-mobile-tech-innovation-silicon-valley.html), getting to know a person takes place almost exclusively on WeChat, a popular social media tool that is used by nearly 1 billion people.

Most social interactions in China usually start or end with people scanning each other’s WeChat QR codes — a practice known as saoing — or adding each other’s WeChat IDs. Many women form their impressions of men based on photographs on WeChat’s “Moments,” a Facebook-like tool.

 On a Thursday night outside a busy shopping mall in Jinan, the students got their first challenge: approach women and ask for their WeChat contacts.

 “You give her two choices: ‘Why don’t you add me or I sao you?’” Zhang Mindong told the students. “So no matter what she picks, you’ll succeed.”

 After practicing their moves on Ms. Wang, the students set off. Zhang Zhenxiao rushed up to two women, who paused but continued walking. He chased after them and stopped them again. After a minute, they walked away.

 “I didn’t succeed,” a dejected Mr. Zhang said, returning to the group.

 “No, the fact that you approached them means you did,” Mr. Cui said, patting him on the back.

 By the end of the night, all the students had obtained at least one WeChat contact.

 The classes, held in an apartment on the grounds of Shandong University, have an air of brotherly camaraderie — the students, huddled together on a floral couch scribbling in notebooks, practiced real smiles and flirtatious banter with their coaches.

 A materials buyer for a renovations company, Zhang Zhenxiao said he had never learned how to talk to a woman. His high school forbade students from mixing with members of the opposite sex. His parents had an arranged marriage.

 Now, they are giving him pressure to settle down. He is on a quest for his ideal woman — a bubbly tomboy who likes wearing jeans and not skirts all the time.

 “I think there are many single women who are just like me,” he said, “all longing for love.”

 Follow Sui-Lee Wee on Twitter: [@suilee](https://twitter.com/suilee).

 Zhang Tiantian contributed research in Beijing.

**Matéria traduzida e resumida**

 Com aula de selfies, escolas lucram com solteirão chinês

 Zhang Zhenxiao, 27, nunca beijou uma mulher, mas agora ele está pronto para o amor. O problema é que, como muitos chineses, nem sabe por onde começar.

 A solução foi encontrar um professor ao estilo do personagem de Will Smith em "Hitch, Conselheiro Amoroso". Na escola, Zhang aprendeu a se arrumar, a aproximar-se de uma mulher e a compartilhar seus contatos no smartphone dela.

 "Há muitas pessoas sem capacidade para obter um relacionamento", disse Zhang, que fez um cursinho de três dias. "Muitas vezes não é porque há algum problema conosco, mas é que não prestamos atenção nos detalhes."

 Namorar não é fácil em lugar nenhum, mas é ainda mais complicado para o homem chinês. A política de um filho só, que acabou recentemente, privilegiou os meninos e o resultado é que, em 2016, havia 33,6 milhões a mais de homens do que mulheres.

 Esse cenário criou oportunidades para pessoas como Zhang Mindong, que criou sua escola de namoro em 2014, em Jinan –há similares em várias cidades do país.

 Os serviços vão de US$ 45 por curso on-line a US$ 3.000 por aulas individuais. Segundo Zhang Mindong, hoje são mais de 300 alunos off-line.

 A maior parte do primeiro dia de aula é dedicada a melhorar o visual: novas roupas e corte de cabelo.

 "A maioria dos homens chineses não se cuida após entrar uma relação", afirma Zhang Mindong. "Não lavam o cabelo, não trocam de roupa e ficam bem imundos."

 O passo seguintes das aulas é posar para fotos –por exemplo, lendo "Uma Breve História do Tempo", de Stephen Hawking–, culminando com dicas sobre selfies.

Isso é fundamental porque conhecer pessoas hoje na China acontece quase que exclusivamente pela rede social WeChat. A maioria das interações sociais no país começa com um escaneando o código QR do outro no WeChat.

**4**

**Matéria original**

 George Clooney’s Awkward White Guilt in ‘Suburbicon’

 WESLEY MORRIS

 Dec. 12, 2017

 Spare a thought for “Suburbicon,” as it swiftly vanishes from America’s megaplexes. This is George Clooney’s movie about — well, I’m not sure. It’s supposed to be the sort of movie that doesn’t get made much anymore: starry, not that expensive, “middlebrow.” It’s also supposed to be the sort of movie that you’re unsurprised they still make, but that I, at least, always am: principled, radioactively principled.

 If the movies are in trouble (and domestically things aren’t great at the box office, and this film [bombed](https://www.nytimes.com/2017/10/29/movies/jigsaw-suburbicon-george-clooney.html?_r=0)), it’s partly because the vast middle has gone out of the American filmmaking, and with it have gone memorable characters, screenwriting, risk and fun — as well as a kind of moderate seriousness that didn’t prostrate itself before Oscar voters.

 “Suburbicon” feels like a last gasp of some kind of middle. It thinks it’s both frivolous and serious. But, for that, you need a touch that George Clooney’s never had. So one feels pitted against the other. He seems determined to take his usual mix of earnestness and square sense of humor into some approximation of the civil rights era. The movie is set in a 1950s Pennsylvania enclave, and asks a couple, played by Matt Damon and Julianne Moore, to ignore the scores of white people rioting outside the home of a black family whose backyard ends where theirs begins. (To be fair, I guess, the rioting is happening out in front.)

 Mr. Damon plays Gardner Lodge, one of those in-over-his-head milquetoasts — thick in the waist, horn-rimmed glasses, starch everywhere — that not even the actor has figured out. Ms. Moore plays both his wife, Patricia, and his sister-in-law, Maggie by pumping different amounts of air into each woman’s lines. One night, a couple of robbers show up at their house. Somebody dies. And the Lodges’ son Nicky — 10? 11? 12? — spends the movie trying to figure out what’s going on. He’s the moral center. He also feels like the target audience.

 Joel and Ethan Coen wrote the script. But so did Mr. Clooney, with Grant Heslov. So it’s “Fargo” made by people who thought “Fargo” needed more white guilt. It’s got the Coens’ fat men, slapstick and glibness, slathered with Mr. Clooney’s moral piety. Every once in awhile, the movie will cut from whatever is happening at the Lodges’ house to whatever madness is going on outside the home of their new black neighbors. Mostly, it’s a lot of white extras shouting and waving things at a facade. Someone stomps on a car and situates a Confederate flag in a broken window. At some point, Oscar Isaac, easy as ever, shows up as an insurance adjuster who puts too fine a point on it all: “You’d think we were in Mississippi.”

 Nice try. We’re just in hoary old Hollywood, where showing a problem tends to be confused with addressing it. All we know about the family across the way — they’re the Mayerses — is that they’re new homeowners and that they’re black. And boy, are they restrained. When racists scream at her, Mrs. Mayers doesn’t scream back. She merely continues to pin the laundry on the clothesline. When she experiences a customized price hike at the grocery store (for her, every item is suddenly $20), she relents and makes the sort of stoic exit that a movie like this needs to double as a triumph of dignity.

 Meanwhile, Mr. Mayers barely gets a line. But he mows a mean lawn. Their kid spends the movie playing with Nicky, who’s mandated to do it by his aunt. The mandate extends to Mr. Clooney, whose sense of social progressivism hits a ceiling. The way the Mayers family functions isn’t all that different from how Dianne Reeves’s jazz singing and the footage of the actual Annie Lee Moss’s testimony are deployed in Mr. Clooney’s 2005 docudrama, “Good Night, and Good Luck.”

 They were flicking at progressivism that the movie didn’t have the political bandwidth to get into. But the difference is that both women (neither of whom achieves character status) are part of the movie’s wider sanctimony in recreating Edward R. Murrow’s battle in the 1950s with Senator Joseph McCarthy and his televised anti-Communist witch hunt. It’s righteousness on Ambien. But I put up with the movie’s turning Ms. Reeves and the footage of Moss into weapons: They served the movie’s thematic strategy. Unlike, “Suburbicon,” it had an argument. McCarthyism really is bad.

 Yet it seems that in his films, “dignified” is the only way Mr. Clooney wants to imagine black people. Anytime a movie or television show retreats into certain American pasts, I’m both annoyed and relieved. “Back then” can provide cover for an all-white cast. It can feel like an excuse or a hide out.

 But filmmakers might want to be careful about where the time machine sends them. Sofia Coppola’s went back to the Civil War, for “The Beguiled.” Rather than deal with the moral centrality of slavery, she simply freed the slaves herself. Sometimes you get very good filmmaking anyway. You also get gentrification.

 Mr. Clooney has directed six movies; five are set in the middle of the previous century. And “Suburbicon” clarifies why. Race is a blind spot. None of the scenes with the Mayerses go on for more than 90 seconds; most last less than 15. And all are intended as a moral counterpoint to the darkening frivolity going on at the Lodges’. The Times’s Manohla Dargis got at this inequality in her [review](https://www.nytimes.com/2017/10/26/movies/suburbicon-review-george-clooney-matt-damon-julianne-moore.html) of the film. The casting telegraphs the movie’s priorities. The black actors — Karimah Westbrook, Tony Espinosa and Leith M. Burke — may not be as famous as the movie’s white stars, but Mr. Clooney hasn’t given them a chance to show whether they’re also as good.

In September, after the “Suburbicon” premiere at the Toronto International Film Festival, he told David Sims, of The Atlantic, that he knows his approach is imperfect. “In all fairness, there are a lot of people better qualified to make the African-American story in suburbia, I think,” Mr. Clooney said.

 “There’s a version of this film I’d like to see from the other side that could be better represented by someone who can speak to that better than me, and probably should.” He went on: “I think my version was what I know, which is white angst and the fear of losing your place to minorities.” He also said that he’d like to see others directors — Ava Du Vernay or Steve McQueen, say — do a version of this story.

 Sure, it’s possible that the white riots happening in “Suburbicon” reflect the current tour of white nationalist pop-up events. And perhaps somewhere inside this movie lives a farce that reckons with white indifference in the face of national catastrophe. But no one had the audacity to find it. The movie is the catastrophe, instead. During the era in which this movie is set, you would get dramas like Joseph L. Mankiewicz’s “No Way Out,” from 1950, or “Pressure Point,” a social drama from 1962 that Stanley Kramer had a hand in. They both star Sidney Poitier, and neither is afraid of at least trying to see race “from the other side.” The violent, relentless depiction of racism in “No Way Out,” complete with a race riot, is actually still pretty shocking. They’re as square as the movies Mr. Clooney tends to make, but they’re also daring, however imperfectly, to look right at the present rather than hunkering down in the past.

 The big surprise of Jordan Peele’s “Get Out” is its conception of a racism that doesn’t need lynch mobs or a Confederate flag to [make its point](https://www.youtube.com/watch?v=sRfnevzM9kQ). Good, liberal white people — the ones for whom “I voted for Obama” is supposed to be an icebreaker — inflict as much harm as obvious bad ones. Mr. Clooney is not humanizing the Mayerses, per se. He is using them. The sad thing is that he didn’t need to. The black characters have nothing to do with the plot of this movie. They’re here almost against their will, kept in the white-controlled existential purgatory that Mr. Peele’s movie identifies as the sunken place.

 By the final bogusly optimistic shot, it’s obvious what “Suburbicon” wants you to know: This movie voted for Obama.

 If Hollywood movies are in trouble, something as confused as this one signals a hastening of their demise. Most of me will always want some version of this middlebrow entertainment in my life. But if fighting to keep that kind of movie alive also means fighting for the cynicism of “Suburbicon,” the rest of me wants to say get out.

**Matéria traduzida**

 Análise

 A desconfortável culpa branca de George Clooney em 'Suburbicon'

 WESLEY MORRIS

 DO 'NEW YORK TIMES'

 27/12/2017 02h00

 Reserve espaço em seus pensamentos para "Suburbicon".

 É um filme de George Clooney sobre... bem, não sei ao certo. A ideia era que fosse um daqueles que não são mais feitos: repleto de estrelas, não muito caro, intelectualizado mas não demais.

 Não deveria surpreender que esse tipo de filme continue a ser feito, mas eu, pelo menos, sempre me surpreendo: é um filme de princípios, radiativamente repleto de princípios.

 Se o cinema está em dificuldade (as coisas não vão lá tão bem nas bilheterias dos Estados Unidos, e esse filme, especialmente, foi um enorme fiasco), é porque o vasto meio do caminho desapareceu dos filmes norte-americanos, e com ele os personagens memoráveis, o talento dos roteiros, a diversão e o risco —bem como aquela forma de seriedade moderada que não se prostra diante dos eleitores do Oscar.

 "Suburbicon" parece ser o último suspiro desse meio do caminho desaparecido. O filme se encara como frívolo e sério a um só tempo.

 Mas, para isso, é preciso um toque que George Clooney jamais teve. Ele parece determinado a aplicar sua mistura de seriedade sincera e humor quadradíssimo ao que vê como um retrato da era da luta pelos direitos civis.

 O filme se passa nos anos 50, em um enclave da Pensilvânia, e o casal interpretado por Matt Damon e Julianne Moore tenta ignorar as dezenas de brancos que estão causando arruaça na casa de uma família negra cujo quintal é adjacente ao deles. (É justo esclarecer que a arruaça acontece na frente da casa e não nos fundos.)

 Damon interpreta Gardner Lodge, um daqueles sujeitos brandos e comuns - gordinho, com óculos de armações escuras, engomado em toda parte —que se veem envolvidos em situações que excedem de longe os seus recursos, e o ator não parece ter compreendido o que o personagem deve representar.

 Moore interpreta a mulher de Gardner, Patricia, e também sua cunhada, Maggie, injetando quantidades diferentes de ar nos diálogos de cada personagem.

 Certa noite, uma dupla de assaltantes invade a casa deles. Alguém morre. E o filho dos Lodge, Nicky — um menino de 10,11, 12 anos?— passa o filme tentando compreender o que está acontecendo. Ele é o centro moral da história. E parece representar também a audiência-alvo.

 Joel e Ethan Cohen escreveram o roteiro, com participação de Clooney e Grant Heslov. Assim, estamos vendo "Fargo" mas refeito por pessoas que chegaram à conclusão de que faltava culpa branca a "Fargo".

 A história tem os gordos, o humor e a loquacidade insincera dos Coen, acompanhados pela moralismo pio de Clooney. De vez em quando o filme deixa de lado o que está acontecendo na casa dos Lodge e mostra a loucura que não para diante da casa dos vizinhos negros.

 As cenas em geral envolvem um monte de extras brancos marchando e gritando na direção da fachada da casa.

 Alguém sobe em um carro, e posiciona uma bandeira confederada em uma janela quebrada.

 Em dado momento, Oscar Isaac, fácil como sempre, aparece como um perito de seguros que faz questão de explicitar a situação: "Nossa, parece até que estamos no Mississipi".

 Tente de novo, Oscar. Estamos na velha e cansada Hollywood, isso sim, para a qual expor um problema equivale a resolvê-lo.

 Tudo que sabemos sobre a família vizinha - os Mayers - é que eles acabam de comprar a casa e são negros. E eles são negros com perfeito autocontrole, rapaz.

 Quando racistas gritam com ela, a Sra. Mayers não grita de volta. Continua a pendurar roupas no varal.

 Quando ela vai à mercearia local e o vendedor aumenta o preço dos produtos que ela quer comprar (todos os produtos passam a custar US$ 20), ela não insiste e sai, demonstrando a espécie de estoicismo de que um filme como esse precisa como substituto para o triunfo da dignidade.

 Já o Sr. Mayers praticamente não tem diálogos. Mas ele é ótimo no cortador de grama. Os filhos do casal passam o filme brincando com Nicky, que é ordenado por sua tia a fazê-lo —uma ordem que também parece se aplicar a Clooney.

 A forma pela qual a família Mayers é retratada não é muito diferente da participação de Dianne Reeves, cantando jazz, e do uso do depoimento real de Annie Lee Moss em "Boa Noite e Boa Sorte", docudrama que Clooney dirigiu em 2005.

 Clooney já dirigiu seis filmes. Cinco se passam na metade do século passado. E "Suburbicon" explica o motivo. As questões raciais são um ponto cego para ele. Nenhuma das cenas com os Mayers dura mais de 90 segundos; a maioria delas mal chega aos 15 segundos.

 E todas servem apenas como contraponto moral à frivolidade cada vez mais sombria que acontece na casa dos Lodge.

 Manohla Dargis percebeu essa desigualdade em sua crítica ao filme no "New York Times". O elenco telegrafa as prioridades de "Suburbicon".

 Os atores negros —Karimah Westbrook, Tony Espinosa e Leith Burke— podem não ser tão famosos quanto seus colegas brancos de elenco, mas Clooney não lhes dá a oportunidade de demonstrar se são igualmente bons.

 Em setembro, depois da estreia de "Suburbicon" no Festival Internacional de Cinema de Toronto, Clooney disse a David Sims, da revista "Atlantic", que está ciente de que sua abordagem é imperfeita.

 "Seria muito justo dizer que há muita gente mais qualificada do que eu para contar a história dos negros nos subúrbios de classe média", disse Clooney.

 "Existe uma versão desse filme que eu gostaria de ver pelo outro lado, que poderia ser mais bem representado por alguém mais capacitado do que eu para falar sobre isso, e que provavelmente deveria fazê-lo". Clooney prosseguiu: "Creio que minha versão fala daquilo que eu sei, a angústia branca e o medo de perder o lugar para as minorias".

 Ele também declarou que gostaria de ver uma versão da mesma história dirigida por outro cineasta - por exemplo Ava DuVernay ou Steve McQueen.

 Pode bem ser que a arruaça branca que é mostrada em "Suburbicon" sirva para representar os eventos que os nacionalistas brancos vêm promovendo pelo país.

 E talvez dentro desse filme viva uma farsa que leva em conta a indiferença dos brancos diante de uma catástrofe nacional. Mas ninguém teve a audácia de encontrá-la. O filme é a catástrofe, em lugar disso.

 Na era em que a história se passa, havia dramas como "No Way Out" (1950), de Joseph Mankiewicz, e "Pressure Point" (1962), produzido por Stanley Kramer.

 Os dois filmes foram estrelados por Sidney Poitier, e nenhum teme pelo menos tentar encarar a questão racial "pelo outro lado". O retrato violento e implacável do racismo em "No Way Out", que inclui cenas de arruaça e agressão contra os negros, continua a chocar ainda hoje.

 São filmes tão quadrados quanto aqueles que Clooney tende a realizar, mas também são trabalhos ousados, por tentarem contemplar o presente, ainda que de modo imperfeito, em lugar de se refugiarem no passado.

 Tradução de PAULO MIGLIACCI

1. Graduado em Direito e Jornalismo, pós-graduando do curso de Especialização em Revisão de Textos do IEC-PUC Minas [↑](#footnote-ref-1)